



INSTITUTO
UNIVERSITÁRIO
DE LISBOA

"É meio igual": Importância do género dos parceiros nas relações amorosas das jovens bissexuais portuguesas

Ana Margarida de Almeida Cabral

Mestrado em Sociologia

Orientador:

Doutor Daniel dos Santos Cardoso, Professorie Associade,
ECATI - Universidade Lusófona
Professorie Auxiliar Convidade,
FCSH - Universidade Nova de Lisboa

Co-Orientadora:

Doutora Sandra Palma Saleiro, Professora Auxiliar Convidada e Investigadora
Integrada,
CIES - ISCTE-Instituto Universitário de Lisboa

Outubro, 2023

Departamento de Sociologia

"É meio igual": Importância do género dos parceiros nas relações amorosas das jovens bissexuais portuguesas

Ana Margarida de Almeida Cabral

Mestrado em Sociologia

Orientadorie:

Doutorie Daniel dos Santos Cardoso, Professorie Associade,
ECATI - Universidade Lusófona
Professorie Auxiliar Convidade,
FCSH - Universidade Nova de Lisboa

Co-Orientador(a):

Doutora Sandra Palma Saleiro, Professora Auxiliar Convidada e Investigadora Integrada,
CIES - ISCTE-Instituto Universitário de Lisboa

Outubro, 2023

Agradecimentos

Agradecimentos à equipa de orientação - profs. Daniel Cardoso, por todo o apoio e amizade, e Sandra Saleiro, por todas as sugestões; à minha família, sobretudo a Adelaide e Zé Luís – financiadores muitíssimo interessados na conclusão do presente estudo – mas também à Marta e ao João; à Dra. Ana Teresa, à Joana, à Mariana e à Raquel; e um sincero pedido de desculpas a todos os que tiveram de ouvir “Não falemos sobre isso” quando perguntavam como ia a tese.

Resumo

A presente dissertação debruçou-se sobre o género dos parceiros (numa perspectiva trans-inclusiva e não-binária) nas relações amorosas das jovens bissexuais portuguesas. O impacto do género dos parceiros nas dinâmicas relacionais foi apurado a partir de descrições de 12 jovens (18-29 anos), recolhidas através de entrevistas semi-estruturadas. Este grupo encontra-se ainda sub-representado na investigação, algo que o presente trabalho procurou colmatar. Foi a partir das suas perspetivas sobre as suas experiências de, e expectativas para, relações amorosas com pessoas de diferentes géneros, e tendo por pano de fundo uma cultura cis-hetero-mono-normativa e patriarcal, em que a estigmatização de diversidade sexual, de género e relacional é sistémica, que as entrevistas foram analisadas qualitativamente, a partir de um enquadramento construtivista. Conclui-se que, apesar das jovens bissexuais entrevistadas afirmarem que o género dos parceiros não é uma categoria especialmente relevante, o mesmo pauta de forma marcada as suas relações. Para começar, embora se mostrem, de forma geral, contra os papéis de género, não deixam de os ter por referência, da qual se procuram, com mais ou menos sucesso, afastar. Verificam-se, para além disso, expectativas mais elevadas em relação a mulheres do que a homens, esperando-se relações mais harmoniosas e saudáveis com as primeiras e quase não se referem parceiros não binários e/ou trans.

Palavras chave: Bissexualidade, Mulheres, Relações, Género

Abstract

This dissertation focuses on the gender of partners (from a trans- and non-binary inclusive perspective) in the loving relationships of Portuguese bisexual young women. The impact of the gender of the partners on the relational dynamics was ascertained from the descriptions of 12 young women (18-29 years old), collected through semi-structured interviews. This group is still under-represented in research, which the present work sought to address. The interviews were qualitatively analyzed, from a constructivist framework, from their perspectives on their experiences and expectations in romantic relationships with people of different genders, against the background of a cis-hetero-mono-normative and patriarchal culture, in which the stigmatization of sexual diversity, gender and relational is systemic. Despite stating that the gender of their partners is not a particularly relevant category, the relationships of the interviewed young bisexual women were shaped by gender roles and performances. To begin with, although interviewees tend to be against gender roles, they still have them as a reference, from which they try, with more or less success, to distance themselves. There are, moreover, higher expectations in relation to women than to men, with the expectation of more harmonious and healthy relationships with the former and there is almost no mention of non-binary and/or trans partners.

Keywords: Bisexuality, Women, Relationships, Gender

Índice	Pág.
1. Introdução	1
2. Revisão da literatura	3
2.1. Definição de conceitos.....	3
2.1.1. Género	3
2.1.2. Orientação sexual.....	4
2.1.3. Configuração relacional.....	5
2.2. Binegatividade	7
2.2.1. Preconceitos específicos sobre mulheres bissexuais.....	8
2.3. Relações amorosas.....	10
2.3.1. Relações na contemporaneidade.....	10
2.3.2. Dinâmicas nas relações das mulheres bissexuais.....	11
2.3.2.1. Aceitação social da relação.....	12
2.3.2.2. Invisibilidade da bissexualidade.....	13
2.3.2.3. Binegatividade des parceiros.....	13
2.3.2.4. Reação à atração por outros géneros.....	15
2.3.2.5. Adesão aos guiões de género tradicionais para as relações.....	16
2.3.2.6. (Não) monogamias.....	19
3. Metodologia.....	22
4. Resultados e discussão.....	24
4.1. A alegada irrelevância do género	24
4.2. A não-binariedade como Outro distante.....	25
4.3. O (des)conforto para lá da heteronorma.....	26
4.4. A desumanização vinda da masculinidade	31
5. Conclusão.....	37
6. Referências bibliográficas.....	41
7. Anexos.....	50

1. Introdução

Muites autorias¹, particularmente teóricas feministas, têm explorado, partindo de uma visão do gênero como performativo, as dinâmicas heteronormativas inerentes às relações entre mulheres e homens, bem como os papéis de gênero que as caracterizam. A ênfase tende, na maioria destes estudos, a cair sobre a distribuição patriarcal do poder e, quando se tem em conta a interseccionalidade, a perceber de que modo é que o gênero se cruza com a etnia ou a classe social. Pouca atenção tem, contudo, sido dada à forma como o gênero e a sexualidade (comparativamente menos estudada em Sociologia) se interseccionam, moldando as dinâmicas relacionais dos relacionamentos íntimos. Menos atenção ainda tem sido dedicada à maneira como essas variáveis operam nas relações amorosas das pessoas que pertencem a minorias sexuais. Das orientações sexuais mais ignoradas, destaca-se a bissexualidade, muitas vezes incompreendida e estigmatizada, sendo abundantes os preconceitos em relação a parceiros românticos e sexuais bissexuais (binegatividade²).

Nesta dissertação, o olhar recai sobre a inter-relação entre gênero e sexualidade, ambos encarados de uma perspectiva construtivista, explorando-se, especificamente, as dinâmicas relacionais nas relações amorosas das jovens bissexuais portuguesas. Inicialmente pensada para analisar a importância do gênero, da orientação sexual e da configuração relacional nestas relações, o foco acabou, devido a limitações espaciais, por se circunscrever ao impacto do gênero dos parceiros. As bissexuais encontram-se numa posição particularmente interessante para analisar as dinâmicas de gênero nas relações amorosas por se poderem, potencialmente, relacionar com pessoas de vários gêneros, conseguindo, de um lugar de fala mais informado pela sua experiência pessoal, identificar continuidades e diferenças de acordo com o gênero dos envolvidos. As mulheres bissexuais, grupo sub-representado na academia, ao ocuparem a interseção da feminilidade com a bissexualidade, constituem ainda uma fonte de informação sobre como é que estas duas pertenças identitárias se cruzam e manifestam nas relações com pessoas de diferentes gêneros. Com o objetivo de apurar os significados que atribuem às suas experiências, necessariamente subjetivos, foram entrevistadas 12 jovens bissexuais portuguesas.

1 Optou-se, nesta dissertação, uma vez que parte de um posicionamento crítico em relação ao binarismo de gênero e ao masculino universal e que foram entrevistadas pessoas que são ou estão/estiveram em relações amorosas com pessoas trans e/ou não binárias, por recorrer a linguagem neutra, nomeadamente ao Sistema Elu, com o objetivo de promover a maior inclusão possível. Para mais informação sobre este sistema de escrita, consultar Valente (2020), disponível em <https://medium.com/@pedrosttv/sistema-elu-linguagem-neutra-em-g%C3%A9nero-pt-pt-9529ed3885cf>.

² O termo binegatividade, ou bifobia, refere-se às concepções negativas da bissexualidade e às práticas opressivas a ela associadas, que incluem discriminação, violência e a invisibilização das identidades bissexuais (Klesse, 2011).

Começar-se-á, nesta investigação, por definir os conceitos de género, orientação sexual e configuração relacional, intimamente ligados e essenciais para a compreensão dos mecanismos que operam nas relações amorosas des bissexuais. De seguida, abordar-se-á o tema da bissexualidade, elencando-se, depois de uma breve definição, os vários preconceitos a que es bissexuais estão expostos. Será dada especial atenção às mulheres bissexuais, observando-se de que forma é que o sexismo e a binegatividade se cruzam, condicionando as suas experiências. O enquadramento teórico encerra, finalmente, com a revisão da literatura sobre as relações amorosas das mulheres bissexuais, iniciando com uma introdução sobre como as relações amorosas são pensadas e vividas na era contemporânea e debruçando-se, depois, sobre vários aspetos, relacionados com o género, a orientação sexual e a configuração relacional, das dinâmicas relacionais nos relacionamentos íntimos das mulheres bissexuais. Depois de descrita a metodologia seguida (qualitativa e, mais especificamente, análise temática), serão apresentados os resultados e discussão, que se organizam em torno de 4 grandes temas: a alegada irrelevância do género, a não-binariedade como Outro distante, o (des)conforto para lá da heteronorma e a desumanização vinda da masculinidade. Por fim, conclui-se com um apanhado geral das principais descobertas do estudo conduzido e das respetivas contribuições para a área de investigação em questão.

Partindo-se do objetivo de compreender o papel do género des parceiros e das performances de género na negociação de significados e práticas de intimidade das mulheres bissexuais, procurar-se-á, simultaneamente, entender de que forma é que as mulheres bissexuais conceptualizam a sua própria bissexualidade em relações amorosas e como é que o género des parceiros impacta esse processo; analisar as estratégias de gestão de expectativas e dinâmicas relacionais empregues em relações com pessoas de diferentes géneros; compreender como é que a especificidade do contexto sociohistórico português impacta as experiências genderizadas de mulheres bissexuais em relações amorosas; contribuir para o aprofundamento dos estudos sobre bissexualidade em Portugal, cruzando género, orientação sexual e configuração relacional; e, finalmente, contribuir para a desestigmatização da bissexualidade feminina e suas raízes no duplo padrão sexual.

2. Revisão da literatura

Nesta secção, começar-se-á por definir conceitos chave da presente dissertação, nomeadamente género, orientação sexual e configuração relacional. A atenção será, posteriormente, dirigida para a bissexualidade, mais especificamente para a binegatividade e, mais especificamente ainda, para a binegatividade em relação a (jovens) mulheres. Por fim, falar-se-á de relações amorosas na contemporaneidade e das questões específicas com que mulheres bissexuais se confrontam nas suas relações, atentando-se à importância do género dos parceiros.

2.1. Definição de conceitos

2.1.1. Género

Como escreve Joan Acker (1992), “Apesar de o termo [género] ser muito usado, não existe um entendimento comum sobre o seu significado, mesmo entre académiques feministas”³ (p.565).

Wharton (2005), debruçando-se sobre a teoria e pesquisa em torno do género na área da Sociologia, analisa-o sob a perspectiva individual, interacional e institucional, concluindo que o género, presente nas várias culturas ao longo do tempo, é um dos principais princípios organizadores da vida social, sendo definidor das nossas identidades e interações e um dos eixos de acordo com os quais o poder e os recursos são distribuídos, interconectando-se, claro, com outros sistemas de desigualdades, tais como a etnia, a classe e a sexualidade (Wharton, 2005).

Apesar de se tratar de uma construção social, o género continua a ser visto como equivalente ao sexo e a ser entendido de forma binária. De facto, a partir de características físicas observáveis, como a genitália exterior, atribui-se, à nascença ou ainda antes, um sexo - masculino ou feminino - à pessoa⁴, encarada, a partir daí, como homem ou mulher, de quem se espera que apresente certas características e adira a determinados papéis e normas pré-definidos, que variam consoante o contexto cultural e espaço-temporal (APA, 2021). Quando essa conformidade não se verifica, as pessoas poderão sofrer discriminação. Tal é especialmente manifesto no caso das pessoas transgénero e/ou não-binárias, cuja identidade de género (isto é, o autorreconhecimento enquanto tendo determinado género) não se

³ Todas as traduções feitas a partir de material em outras línguas são da minha autoria.

⁴ O peso social na definição do género é explicitamente posto em evidência no caso das pessoas intersexo, cuja composição das características sexuais (genitália, características sexuais secundárias, cromossomas) não são conformes aos padrões biológicos médicos do feminino e do masculino. Ainda que se reconheçam apenas dois sexos, biologicamente falando, existem muitas gradações entre feminino e masculino, contando-se, ao longo desse espectro, pelo menos cinco sexos (Fausto-Sterling, 1993).

alinha com o sexo atribuído à nascença, ao contrário do que acontece com as pessoas cisgénero (Gato, 2022).

Conclui-se que o género se trata de uma instituição historicamente estabelecida que cria e mantém distinções entre as pessoas, de modo a justificar as relações de desigualdade, que se caracterizam, para além de pela marginalização das pessoas com identidades de género não-normativas, por um maior valor social atribuído à masculinidade em comparação com o atribuído àquilo que se considera feminino. De facto, tanto no trabalho remunerado como na família, por exemplo, as mulheres e os homens tendem a dedicar-se a atividades diferentes, com responsabilidades diferentes, sendo as exercidas por homens, por norma, mais valorizadas e mais bem pagas. A nossa sociedade é ainda profundamente sexista e patriarcal (Risman et al., 2018).

2.1.2. Orientação sexual

A orientação sexual é o aspeto da identidade relativo à atração sexual e emocional que as pessoas sentem umas em relação às outras, bem como aos comportamentos e afiliações sociais resultantes dessa atração, podendo agrupar-se as diferentes orientações sexuais, com exceção da assexual (que consiste na ausência de atração sexual), em monossexuais e plurissexuais, caracterizando-se as primeiras, que incluem a heterossexualidade (atração por pessoas do género binário diferente) e a homossexualidade (atração por pessoas do mesmo género), pela atração por um único género e as segundas pela atração, pelo menos potencial, por mais de um género, incluindo, por exemplo, a bissexualidade (atração por pessoas de vários géneros) (Gato, 2022). Há, contudo, que ter em conta que, tal como o género, a orientação sexual pode ser encarada como uma construção social, com uma história específica e recente (Foucault, 1978) e que existem pessoas que organizam a sua atração em função de outros parâmetros que não o género (por exemplo, BDSM⁵/fetichismo).

A relação íntima entre o género e a sexualidade é posta em evidência de forma crítica pela teoria *queer*, que desafia as assunções binárias que sustentam o privilégio masculino (Risman et al., 2018). Neste campo de estudos, a sexualidade é trazida da margem para o centro na conceptualização do género. Butler (1990), por exemplo, defende que a “matriz heterossexual” se relaciona intimamente com a desigualdade de género. De acordo com a autora, que defende que o género não é inato, mas performativo, resultando da repetição de comportamentos socialmente interpretados como femininos ou masculinos, o sexo, o género e a sexualidade são mutuamente constitutivos e organizam-se da seguinte forma: a cada um dos supostos dois sexos, vistos como opostos, corresponde um género e a atração pelo sexo/género “oposto”. Pressupõe-se, desta forma, sob a

⁵ Bondage e Disciplina, Dominação e Submissão, Sadismo e Masoquismo.

égide da matriz heterossexual, naturalizada e inscrita institucional e socioculturalmente, tanto o binarismo de género como a heterossexualidade compulsória (Rich, 1980).

As pessoas heterossexuais cisgénero são, desta forma, as únicas com uma orientação sexual normativa (heteronormatividade), integrando todas as outras as chamadas minorias sexuais que, em conjunto com as minorias de género, constituem uma identidade-chapéu conhecida atualmente como LGBTI+⁶, sujeita a discriminação.

Apesar de se considerar que a pessoa decide como agir sobre as suas inclinações, defende-se frequentemente que a identidade sexual é inata e imutável. Existem autories, tais como Diamond (2008), que se opõem a esta visão determinística da sexualidade, vendo-a antes como essencialmente exploratória e fluída, e considerando que, se as repercussões sociais negativas fossem removidas, as pessoas teriam, ao longo das suas vidas, maior probabilidade de se envolver numa série de experiências sexuais e/ou românticas com outras pessoas independentemente do sexo ou género das mesmas. De facto, o comportamento humano continua a sugerir que, apesar de os binários ideais serem forças poderosas que moldam as nossas normas, um número significativo de pessoas age de maneiras que põem em causa os ditames da heterossexualidade e da monossexualidade (Madison, 2016).

2.1.3. Configuração relacional

A configuração relacional diz respeito ao formato que as relações amorosas assumem, nomeadamente no que concerne à existência, ou não, de exclusividade romântica e/ou sexual, podendo as relações ser monogâmicas, em formato casal, ou incluir-se nas não-monogamias consensuais (NMCs), que podem assumir várias formas, dependendo do tipo de vínculos extra-diádicos com que todes es envolvidas concordam.

Embora as NMCs tenham cada vez mais visibilidade (Cardoso, 2021; Hutzler et. al, 2015;), continuam a ser encaradas como desviantes e tendem a ser estigmatizadas, uma vez que a mononormatividade, ou seja, o conjunto de pressões sociais, legais e económicas que estabelece as relações em formato casal como as normais, óbvias e desejáveis, marginaliza todes es que optam por práticas relacionais alternativas, expostas a discriminação pessoal, sendo muitas vezes consideradas imorais e promíscuas, e legal⁷ (Cardoso e Klesse, 2022).

⁶ Lésbicas, Gays, Bissexuais, Trans, Intersexo e outras identidades sexuais e de género.

⁷ A impossibilidade de contrair matrimónio ou entrar numa união de facto com mais de 1 parceire não só exclui as relações não monogâmicas, como pode criar insegurança, ressentimento, fricção e divisão nas mesmas, já que, enquanto certes parceiros poderão tirar partido das vantagens de aceder a esse estatuto legal, outres, não acedendo, ficam numa posição desigual (Klesse, 2011). De referir ainda que a legalização das uniões de facto e do casamento entre casais do mesmo género contribui ainda mais para a estigmatização das relações não

Com efeito, uma relação socialmente percebida como monogâmica não perdeu o seu estatuto cultural (Roseneil et al., 2020) com os desenvolvimentos das últimas décadas, continuando a ser considerada a forma mais respeitável de organizar a vida íntima e aquela em torno da qual a vida e sociabilidade familiar se estruturam (DePaulo e Morris, 2005; Ketokivi, 2012), enquanto que outras formas, como NMCs, estar solteira e comunidades BDSM, em que a intimidade e sexualidade são pensadas para além da dicotomia monogamia/não monogamia, são marginalizadas (Barker e Langdrige, 2010; Farvid e Braun, 2013; Klesse, 2007; Pohtinen, 2017). O casal é culturalmente pensado como uma promessa de felicidade, contendo expectativas de reciprocidade, intimidade, continuidade, estabilidade e igualdade por oposição a fragmentação, descontinuidade e desigualdade. Gustavson (2009) refere que, apesar de o casal ser pensado pelo prisma do romance, altruísmo e harmonia, estes ideais abafam outros conceitos operacionais como o conflito, a suspeita e a competição, até porque a monogamia, regulada pela coexistência da lealdade e dos ciúmes, opõe os valores da igualdade e da liberdade sexual, requerendo uma negação do prazer, já que a liberdade sexual é vista como quebrando a harmonia ao sugerir que outros parceiros são significativos para a relação.

Enquanto que as relações monogâmicas, em especial as que são lidas como heterossexuais, seguem o padrão socialmente prescrito, as relações não monogâmicas podem assumir estruturas extremamente diversas, variando em termos de número de parceiros, tipo de acordos e grau de proximidade ou compromisso, estatuto legal da relação, géneros des envolvidos, identidades sexuais ou sociais, tipos de coabitação, acordos de parentalidade, etc. (Klesse, 2005).

As relações abertas, por exemplo, consistem em relacionamentos diádicos potencialmente não monogâmicos, sendo a abertura, na grande maioria das vezes, exclusivamente sexual (Cardoso e Klesse, 2022). Constituem uma boa base para envolvimentos sexuais do casal com outras pessoas, como *ménages à trois* ou sexo em grupo, aproximando-se, neste aspeto, do *swing*, que se trata também de uma forma de não-monogamia praticada por casais, frequentemente casados. O poliamor, por seu lado, define-se pela (potencial) manutenção de relações amorosas com várias pessoas, havendo um grande foco na ética e no cuidado. As relações poliamorosas não se encaixam em moldes pré-estabelecidos e podem mudar de forma à medida que as constelações evoluem ao longo do tempo. É frequente que as pessoas poliamorosas distingam parceiros primárias, secundárias ou terciárias, consoante o grau de profundidade, antiguidade ou compromisso do vínculo, embora

monogâmicas, já que a monogamia, instituição cultural heteronormativa, passa a ser dada por garantida mesmo para os não-heterossexuais, esperando-se cada vez mais que as suas relações assumam o formato de casal exclusivo, normalizando-se, ao serem também elas reguladas pelas representações simbólicas que definem como é que uma relação se deve organizar (Gustavson, 2009; Lahti, 2019; Gusmano, 2018; McLean, 2011; Klesse, 2011).

nem todes se sintam confortáveis com essa hierarquização. Hierarquização essa completamente rejeitada na anarquia relacional, prática relacional que não estabelece distinções de valor entre relações românticas, sexuais ou platônicas (Cardoso e Klesse, 2022).

Qualquer pessoa, independentemente do seu gênero ou orientação sexual, pode aderir a qualquer estrutura relacional, seja ela monogâmica ou uma das NMCs. Existe, contudo, muita literatura sobre a interseção da bissexualidade com as NMCs, devido à possibilidade, nas segundas, de ter parceiros de vários gêneros (Cardoso e Klesse, 2022). Ao mesmo tempo, existe uma relação circular entre heterossexualidade compulsória, monogamia compulsória e controlo das mulheres, já que a primeira pressupõe a segunda e que essa é pensada sobretudo para as mulheres, o que se encontra ao serviço da heterossexualidade compulsória (Cardoso e Klesse, 2022).

2.2. Binegatividade

Mesmo para as pessoas que se identificam como bissexuais, não existe uma única definição adotada por todes. No entanto, a definição mais popular nas culturas ocidentais - de que a bissexualidade é atração romântica ou sexual ou comportamentos sexuais tanto por/com mulheres como homens - não coincide com a da maioria das pessoas que se identificam como bissexuais. A definição mais aceite pelas bissexuais é a de que alguém bissexual experiencia atração física, romântica e/ou emocional duradoura por pessoas de vários sexos e/ou gêneros, não necessariamente ao mesmo tempo, ou da mesma maneira, ou com o mesmo grau (Madison, 2016).

Ainda que, na sociedade ocidental contemporânea, a bissexualidade venha a ser cada vez mais reconhecida como uma identidade sexual legítima e válida (Daly, 2021), a divisão heterossexual/homossexual leva a que continue a ser frequentemente vista como a sexualidade invisível no âmbito do sistema binário de sexo, gênero e sexualidade (Hemmings, 2002) ou como um meio termo que o reproduz. De facto, apesar de constituírem, pelo menos, cerca de metade da comunidade LGB, e de a tendência ser, marcadamente, de aumento, as pessoas bissexuais são, muitas vezes, invisibilizadas, sendo agrupadas, quando não ignoradas de todo, com outras minorias sexuais mais salientes na sociedade (nomeadamente homens gays e mulheres lésbicas), não se atentando às particularidades que as distinguem (MAP, 2016). Esta invisibilidade verifica-se a nível social, cultural, político, académico e mediático (Maliepaard e Baumgartner, 2021). Para tal contribuem, para além da assunção da sexualidade da pessoa a partir do gênero de parceire, as poucas representações mediáticas de bissexuais, sendo que as que existem tendem a ser negativas e estereotipadas (Hequembourg e Brallier, 2009; Monro, 2015), a relativa ausência de comunidades bissexuais

(Morandini et al., 2018) e a não existência de marcadores culturalmente reconhecidos como identificando alguém como bissexual (Macalister, 2003).

À homofobia resultante do heterossexismo de que são também vítimas, soma-se esta binegatividade, partilhada tanto por heterossexuais como pela própria comunidade LGBTI+ (Brewster e Moradi, 2010; de Bruin e Arndt, 2010; Eliason, 1997; Ochs, 1996; Udis-Kessler, 1990; Yost e Thomas, 2012), que se encontra culturalmente disseminada de forma consistente no ocidente, identificando-se os mesmos estereótipos nas várias sociedades (Lahti, 2019). Estereótipos comuns sobre bissexualidade prendem-se, por exemplo, com a noção de que se trata de uma orientação sexual instável ou de transição para a homossexualidade ou para a heterossexualidade experimentada, sobretudo, por adolescentes e adultos emergentes, durante a qual o indivíduo está confuso e indeciso (Barker e Langdrige, 2008; Bronn, 2001; Eisner, 2013; Eliason, 2001; Hayfield et al., 2014; Zinik, 1985) ou com receio de assumir a sua homossexualidade (Eliason, 2001), optando, nesse caso, por se “esconder” atrás da bissexualidade por acreditar que es bissexuais são mais bem aceites socialmente do que as lésbicas ou os gays, na medida em que não perdem por completo os seus “privilégios heterossexuais” (Ochs, 1996; Rust, 1993), disfrutando do “melhor dos dois mundos” (Israel e Mohr, 2004). As pessoas bissexuais tendem também a ser vistas como hiperssexuais e promíscuas (Eliason, 2001; Gustavson, 2009; Hayfield et al., 2014; Klesse, 2011) ou ainda como necessariamente não-monogâmicas, na medida em que a natureza “dual” (heterossexual e homossexual) do seu desejo faz com que não consigam ou não queiram ser monogâmicas, necessitando, para se sentirem sexualmente satisfeitas, de manter simultaneamente relações sexuais com “ambos” os géneros (Eliason, 2001; Rust, 2003; Spaulding e Peplau, 1997). Com este estereótipo relaciona-se intimamente o da infidelidade, um dos mais comuns (Eisner, 2013; Hertlein et al., 2016; Ochs, 1996), que leva a que es bissexuais sejam vistas como parceiros romântiques menos desejáveis e como potenciais transmissores de infeções sexualmente transmissíveis (Eisner, 2013; Klesse, 2011; Ochs, 1996; Spaulding e Peplau, 1997).

2.2.1. Preconceitos específicos sobre mulheres bissexuais

As mulheres bissexuais, encontrando-se na interseção do género feminino com a bissexualidade, ambas pertenças discriminadas, sofrem tipos de binegatividade específicos. Como escrevem Wandrey, Mosack, e Moore, “o estigma em relação a bissexuais é, muitas vezes, genderizado” (2015, p. 205).

A bissexualidade como fase temporária, por exemplo, é encarada de forma diferente consoante o género de bissexual: a bissexualidade feminina tende cada vez mais a ser vista como um ritual de

passagem para as mulheres jovens, que lhes permite integrarem-se, melhorando o seu *status*, ao fazê-las parecer “fixes” e sexualmente abertas, ao mesmo tempo que as ajuda a conseguir a heterossexualmente desejada atenção masculina, sendo, desta forma, paradoxalmente interpretada como heterossexualidade; já os homens jovens bissexuais são vistos como estando em transição para a homossexualidade. Verifica-se a expressão de mais sentimentos negativos em relação às mulheres que “fingem” ser bissexuais do que em relação aos homens (Alaire e Gaudet, 2013). Este tratamento desigual remete para a objetificação sexual das mulheres bissexuais, sujeitas a uma hipersexualização por parte dos homens heterossexuais, uma vez que integram o imaginário das suas fantasias sexuais, como a de estar com duas mulheres ao mesmo tempo (DeCapua, 2017), sendo que, simultaneamente, pende sobre as mesmas a crença de que são, na verdade, heterossexuais a procurar chamar a atenção, e, mais especificamente, a atenção masculina (Yost e Thomas, 2012; Klesse, 2005). Para tal contribuem em muito as representações mediáticas das mulheres bissexuais, afirmando Joana Alberto (2018), na sua tese de mestrado, que as mulheres bissexuais estão “ ‘presas’ entre a invisibilidade e a hipervisibilidade”, fazendo referência à presença significativa de mulheres lidas como bissexuais em videoclips, na televisão e na pornografia, muitas vezes para acomodar os interesses sexuais dos homens heterossexuais, sem que se reconheça, nessa exposição, a complexidade política, afetiva e íntima do seu desejo sexual (Rodríguez, 2016; Gill, 2008; Hayfield et al., 2014). Ainda de acordo com os resultados da pesquisa de Alberto (2018), as atitudes em relação à bissexualidade feminina são, por estas razões, ambíguas: ao mesmo tempo que é vista como uma identidade menos legítima do que a bissexualidade masculina, é, ainda que de forma questionável, socialmente mais aceite, como se conclui em vários estudos anteriores, alguns dos quais se debruçam sobre a tendência das mulheres para terem cada mais comportamentos bissexuais em público, sobretudo as jovens em contextos festivos, que parecem ser cada vez mais aceites, não se verificando a mesma tendência nos homens jovens (Alaire e Gaudet, 2013; Eliason, 2001; Fahs, 2009; Lannutti e Denes, 2012; Rupp e Taylor, 2010). Essa aceitação é, contudo, controversa, podendo ser interpretada, pelas razões acima referidas, como uma forma de objetificação. Para além disso, tal aceitação não elimina a estigmatização das práticas bissexuais entre mulheres e parece estar limitada aos comportamentos bissexuais praticados de forma a agradar aos homens, encaixando-se no imperativo heterossexual. A atração emocional de mulheres por mulheres, por exemplo, já é, muitas vezes, vista como ameaçadora pelos homens heterossexuais, por representar o potencial das mulheres para desafiarem o sistema heterossexual, para viverem sem homens (Diamond, 2005; Fahs, 2009).

As mulheres bissexuais estão ainda expostas a um maior risco do que os homens na mesma situação de serem estigmatizadas por terem ou se supor que têm múltiplos parceiros (Klesse, 2005).

É importante referir, contudo, que nem todas as atitudes relativas a bissexuais têm conotações negativas. De facto, as mudanças geracionais têm contribuído para a emergência de visões positivas da bissexualidade, como resultado dos desafios colocados à heteronormatividade pelos movimentos pelos direitos LGBTI+ (Herdt, 2001). É cada vez mais comum, sobretudo entre os jovens, não adotar uma visão dicotómica da orientação sexual (subjacente à negação da bissexualidade), encarando-a antes como um *continuum*, no qual situam a bissexualidade (Bronn, 2001), que pode, dessa forma, assumir vários graus e formas diferentes. Desta perspetiva, os bissexuais podem ser vistos como cognitivamente e interpessoalmente flexíveis, sendo admirados pela sua atração por características pessoais dos parceiros em vez de, simplesmente, pelo seu género (Zinik, 1985). Tal conceção pode levar, inclusive, a que a bissexualidade seja encarada como o estado mais natural ou ideal (Mohr e Rochlen, 1999).

2.3. Relações amorosas

2.3.1. Relações na contemporaneidade

A retração da família tradicional enquanto fonte de sensação de pertença e a crescente precariedade do trabalho, sem garantias de contratos a longo prazo ou de comunidades no local de trabalho, levam a que as relações íntimas se tornem cada vez mais importantes fontes de validação, significado e segurança (Barker e Langdrige, 2010; Hemmings, 2012). O ideal cultural do amor romântico – formar uma relação duradoura com uma única pessoa para o resto da vida – continua, posto isto, forte, tendo inclusive esta ideia de durabilidade passado a usar-se para a afirmação da legitimidade das relações não heterossexuais (Lahti, 2019; Weston, 1995). Ao mesmo tempo, espera-se que as pessoas procurem atingir os seus objetivos de vida pessoais e que expressem a sua individualidade através da sexualidade (Barker e Langdrige, 2010; Beck e Beck-Gernsheim, 1995; Gill, 2008), o que cria tensão numa cultura em que os prazeres individuais são cada vez mais integrados nas relações românticas (Lahti, 2019). Tendo por pano de fundo a modernidade tardia, o conceito de Giddens (1992) de ‘relações puras’ refere-se àquelas em que a reflexividade supostamente se traduz numa maior individuação e democratização das relações íntimas, em que os parceiros, em pé de igualdade, são livres de construir a sua relação nos termos que entenderem. De acordo com esta visão, em que as pessoas estão juntas por (e enquanto houver) amor, atração sexual e satisfação pessoal des envolvidas, são a escolha individual e a negociação mútua que definem as relações, não se limitando os parceiros, como outrora, a seguir papéis tradicionalmente definidos e a cumprir com as expectativas de uma vida normativa. Contudo, como assinala Lahti (2019), pressões exteriores,

nomeadamente a tradição (que inclui, por exemplo, a expectativa do casamento e das responsabilidades adjacentes ao mesmo) continuam a condicionar fortemente as relações íntimas, como provam as hierarquias baseadas no género e na sexualidade entre diferentes tipos de relações e dentro das próprias relações. De facto, apesar dos avanços ao longo das últimas décadas nos países ocidentais em termos de igualdade de género, de direitos e atitudes em relação a pessoas LGBTI+ e de aceitação de diferentes formatos familiares, o ideal de casal monogâmico heterossexual persiste, marginalizando as pessoas que optam por não monogâmias consensuais, bem como as relações de pessoas LGBTI+, que não contam com o mesmo apoio estrutural, institucional, cultural e social que os casais heterossexuais, ao mesmo tempo que, dentro das próprias relações, persistem práticas genderizadas criadoras de desigualdade, bem como discriminação com base na sexualidade de uma ou mais parceiras. Estas dinâmicas provam que, longe de ‘relações puras’, as relações íntimas são inevitavelmente afetadas pelas normas sociais dominantes, nomeadamente pela persistência da matriz heterossexual e das dicotomias por ela criadas (feminino/masculino; heterossexualidade/homossexualidade), que as pessoas interiorizam.

2.3.2. Dinâmicas nas relações amorosas das mulheres bissexuais

A bissexualidade é, por vezes, encarada como constituindo um desafio à visão heteronormativa das relações amorosas, por não definir por objeto de desejo apenas um género, podendo o género das parceiras variar, o que faz com que seja mais difícil atribuir a bissexuais papéis de género pré-definidos a adotar nas relações. Por outro lado, ainda que as bissexuais tendam a assinalar que a bissexualidade não obriga à não-monogamia - muitas vezes para contrariar os estereótipos de que são hipersexuais, promíscuas e infiéis -, um número significativo de bissexuais adota configurações relacionais alternativas às relações normativas de exclusividade, o que, uma vez mais, dificulta a atribuição aos mesmos de um dos dois papéis de género tradicionais que se espera que cada elemento de uma díade desempenhe (Pennington, 2009; Lahti, 2019). Os estudos sobre as relações das pessoas bissexuais e, mais especificamente, sobre as relações das mulheres bissexuais (que são mais e mais visíveis e cuja sexualidade parece ser mais fluída do que a dos homens bissexuais (Diamond et al., 2017; Gates, 2011; Katz-Wise et al., 2019; MAP, 2016; OCDE, 2019)), não tendem, contudo, a apontar para um enorme poder revolucionário da bissexualidade, sendo as mesmas marcadas pelas dicotomias de sexo/género (feminino/masculino) e sexualidade (heterossexualidade/homossexualidade) e pela mononormatividade, bem como pelas estruturas sociais a elas associadas que promovem relações desiguais de poder e condicionam os comportamentos e desejos das pessoas (Pennington, 2009; Lahti, 2019). As relações das mulheres bissexuais não deixam, no entanto, de constituir uma importante

fonte de informação sobre como todos estes mecanismos operam, permitindo identificar diferenças e continuidades entre as relações amorosas com pessoas de vários géneros e orientações sexuais e em configurações relacionais diversas, atentando tanto à forma como cada relação é socialmente encarada, bem como às suas dinâmicas internas, para além de permitir apurar o papel que a bissexualidade desempenha nas relações amorosas.

2.3.2.1. Aceitação social da relação

Importa, para começar, referir que a maioria das mulheres bissexuais está em relações com homens (McLean, 2004; Pew Research Center, 2013), o que não é, contudo, necessariamente revelador de uma preferência sua, mas antes da força da heteronormatividade, na medida em que, desde crianças, que as pessoas são socialmente incentivadas a desenvolver e agir sobre a atração pelo género binário diferente do seu, existindo guiões de género definidos para as relações entre homens e mulheres, nomeadamente, desde logo, para a tomada de iniciativa de estabelecer contacto. Existem também guiões especificamente sexuais (Simon e Gagnon, 1986). Ao mesmo tempo, o seu universo de potenciais parceiros integra mais homens, em relação aos quais se assume muito mais facilmente que a atração será recíproca, do que mulheres e outras identidades de género, tendo em conta o estatuto minoritário da comunidade LGBTI+ e o facto de a orientação sexual das pessoas não ser automaticamente aferível. Para além disso, nas suas relações com homens, as mulheres bissexuais contam, claro, com uma muito maior aceitação social, passando, muitas vezes, inclusive, com ou sem intenção, por heterossexuais (*straight-passing*), ao passo que em relações com mulheres ou pessoas não-binárias, a sua orientação sexual não normativa é, geralmente, mais óbvia, expondo-as a uma maior discriminação (DeCapua, 2017; Dyar et al., 2014; Gusmano, 2018; Hayfield et al., 2018; Klesse, 2011; Kwoka, et al., 2020; Wu et al., 2019).

Alguns estudos indicam, contudo, que, ao mesmo tempo que sofrem mais discriminação por parte de heterossexuais, as mulheres bissexuais em relações com outras mulheres e pessoas de minorias de género sofrem menos exclusão e rejeição por parte de indivíduos homossexuais do que as em relações com homens (Dyar et al., 2014; Molina et al., 2015), sentindo-se as primeiras mais conectadas com pares LGBTI+ do que as segundas, o que afeta positivamente não só o seu bem-estar como também a qualidade das suas relações, já que permite que acedam a apoio social para lidar com o preconceito e discriminação (Meyer, 2003) e a um espaço seguro, onde a sua relação é validada e onde podem expor a mesma sem receio de rejeição ou hostilidade (ainda que a binegatividade esteja presente nos espaços LGBTI+).

2.3.2.2. Invisibilidade da bissexualidade

Uma causa de frustração para as mulheres para quem é importante que a sua bissexualidade seja visível, reconhecida e respeitada é a invisibilidade a que esta tende a ser remetida no âmbito das relações, sobretudo monogâmicas, ao aferir-se a sua orientação sexual a partir do género dos parceiros, assumindo-se frequentemente que quem está numa relação com alguém do mesmo género é homossexual e que quem tem parceiros de género diferente é heterossexual (Anderson et al., 2015; Feinstein e Dyar, 2018; Hartman-Linck, 2014; Hayfield, et al., 2018; Hequembourg e Brallier, 2009; Kwoka et al., 2020; Ross e al., 2010). De forma a combater esse apagamento, algumas mulheres bissexuais, especialmente as que estão em relações monogâmicas com homens (cuja bissexualidade tende a ser mais invisibilizada), recorrem, por vezes, a estratégias para tornar a sua bissexualidade visível, que incluem desde comunicação verbal direta, ao falar sobre a sua bissexualidade ou sobre relações passadas com vários géneros, por exemplo, a indicadores visuais que remetam para a bissexualidade ou para a comunidade LGBTI+ (Davila et al., 2019; Hartman-Linck, 2014; Hayfield et al., 2018). Também as fantasias sexuais (Davids e Lundquist, 2018; Lahti, 2019) e as NMCs são muitas vezes apontadas pelas bissexuais que as praticam como forma de garantir a visibilidade da sua identidade bissexual (Gustavson, 2009; Klesse, 2005; Robinson, 2013).

2.3.2.3. Binegatividade des parceiros

Embora es bissexuais encarem como algo positivo ter mais oportunidades de entrar em relações do que pessoas com outras orientações sexuais, dada a sua atração por mais de um género, mencionam que a binegatividade limita essas oportunidades (Li et al., 2013). De facto, os vários estereótipos relativos a bissexuais, nomeadamente o de que são promíscuos e infiéis, leva a que es monossexuais (especialmente monogâmiques) considerem que não constituem parceiros romântiques ou sexuais desejáveis (Armstrong e Reissing, 2014; Breno e Galupo, 2008; Eliason, 1997; Feinstein et al, 2014; Feinstein e Dyar, 2018; Mohr e Rochlen, 1999; Spalding e Peplau, 1997). Vários estudos apontam para a invalidação e hostilidade com que es bissexuais são muitas vezes recebidos pelos parceiros monossexuais quando lhes revelam a sua orientação sexual, sendo comuns comentários negativos, bem como pressão para que alterem a forma como se identificam, de modo a “refletir” a sua relação atual (Bostwick e Hequembourg, 2014; DeCapua, 2017; Feinstein e Dyar, 2018; Hequembourg e Brallier, 2009; Ross et al., 2010). Este tipo de atitude dificulta, quando não leva à ocultação, a revelação da bissexualidade a (potenciais) parceiros (Bradford, 2004). Num estudo de DeCapua (2017), por exemplo, muitas participantes afirmaram apurar, ainda antes ou logo no início da relação, as

atitudes des (potenciais) parceiros em relação a pessoas LGBTI+ e revelar a sua sexualidade, de forma a evitar problemas, tendo mais de metade afirmado sentir-se nervosas nesse processo, por acreditar que pode levar à rutura da relação, e por esperar reações negativas⁸. Alguns estudos demonstram também que es bissexuais têm maior tendência a sofrer de violência doméstica do que es monossexuais, sendo o fenómeno especialmente marcado para as mulheres (Feinstein e Dyar, 2018), que reportam preocupação também com violência, abuso e assédio sexual (e de outras formas), sobretudo se têm relações sexuais com homens ou sexo em ambientes públicos frequentados por homens (Klesse, 2005). Freedner, Freed, Yang e Austin (2002) descobriram ainda que es bissexuais tendem a ser mais ameaçadas pelas parceiros de *outing* (revelação não consentida da orientação sexual) do que es homossexuais. Feinstein e Dyar (2018) sugerem que o maior risco des bissexuais de vitimização às mãos des parceiros se pode dever aos ciúmes, insegurança e preocupações em relação a bissexuais como parceiros romântiques, evidenciando o potencial mais violento da mononormatividade.

Num estudo de Hayfield, Campbell e Reed (2018), es participantes bissexuais, muito conscientes dos estereótipos sobre bissexuais, procuraram, com as suas narrativas, distanciar-se a si, a parceiros atuais e às suas relações dos mesmos, de forma a evitar que fossem “manchades” pela binegatividade, posicionando-se, para esse efeito, como escapando às conceções culturais comuns sobre bissexualidade, defendendo que a falta de conhecimento des parceiros atuais sobre bissexualidade era temporária e facilmente resolvível e assinalando, no caso das mulheres bissexuais com parceiros homens, a identidade heteronormativa do parceiro. Descobriu-se que es bissexuais educam es parceiros sobre bissexualidade, e que parecem não se importar de o fazer, ainda que Kitzinger (1990) considere a expectativa de que as pessoas não heterossexuais eduquem es outres sobre a sua sexualidade uma forma de opressão. Num estudo de Kwoka, Rostoskya e Riggle (2020), algumas participantes disseram esperar que es parceiros partilhassem os seus pensamentos e sentimentos em relação à bissexualidade, evitando estereótipos, bem como que es mesmas, para além de respeitarem a sua identidade bissexual, procurassem que esta não fosse invisibilizada, tanto privada como publicamente, sendo uma voz ativa na desconstrução de estereótipos relativos à bissexualidade,

⁸ Esta expectativa de rejeição e sensibilidade à mesma integra aquilo a que Meyer (2003) chama *minority stress*, que corresponde aos elevados níveis de stress experienciados por grupos estigmatizados, causados, sobretudo, por experiência interpessoais de preconceito e discriminação e que se pode manifestar, neste caso, na internalização de atitudes e sentimentos negativos em relação à própria identidade bissexual, que depois se refletem então, por exemplo, na preocupação com a reação des outres e em pensamentos de rejeição (podendo também resultar na ocultação da identidade bissexual). A expectativa de rejeição devido à identidade ou experiência sexual é particularmente marcada nas pessoas bissexuais, cujas experiências de rejeição por parte de gays, lésbicas e heterossexuais são amplamente documentadas pela literatura (Ault, 1994; Hayfield et al., 2014; Li et al., 2013).

sobre a qual se devem informar. Es participantes do estudo de Hayfield, Campbell e Reed (2018) revelaram uma tendência para descrever es parceiros atuais como mais esclarecidas e menos preconceituoses em relação à bissexualidade do que parceiros passades, o que as autoras atribuem a uma tentativa por parte des participantes de defender es parceiros atuais de acusações antecipadas de binegatividade e de apresentar as suas relações como positivas, o que constitui, no seu entender, uma forma específica de trabalho relacional a que es bissexuais se veem obrigades e, nessa medida, uma forma de opressão. Lahti e Kolehmainen (2020) escrevem, sobre as relações das pessoas LGBTI+ de forma mais geral, que a luta por direitos iguais as coloca sob pressão para serem bem sucedidas e parecerem tão normais e felizes quanto possível (Lahti, 2019), o que pode levar a que os elementos da relação se remetam ao silêncio em relação aos problemas das suas relações, não acedendo, dessa forma, ao apoio de que precisam das suas comunidades, amigues e familiares.

2.3.2.4. Reação à atração por outros géneros

Um dos principais receios des parceiros des bissexuais é o de que estes últimos se sintam mais atraídes pelo género “oposto” ao seu ou de que es traíam igualmente com pessoas desse género, não se verificando a mesma preocupação em relação a pessoas do seu próprio género, ainda que es parceiros bissexuais sintam, à partida, atração por ambos, o que remete para o estereótipo, assente numa visão binária do género, de que es bissexuais só se sentem sexualmente satisfeitos mantendo relações com “ambos” os géneros (DeCapua, 2017; Gustavson, 2009; Klesse, 2011; Lahti, 2019). Esta preocupação é particularmente marcada nes parceiros homossexuais, que se preocupam com a possibilidade de parceire es trocar por alguém de género diferente, acedendo assim aos privilégios das pessoas que são, ou que se assume que são, heterossexuais (Ochs, 1996) e gera, nas mulheres bissexuais, um receio de estigmatização pela comunidade e (potenciais) parceiras lésbicas (Balsam e Mohr, 2007; Bostwick, 2012; Hayfield et al., 2014; DeCapua, 2017), cuja aversão à atração das parceiras bissexuais por homens e ao receio/expectativa de que as traíam com os mesmos é conhecida (Ault, 1994; Gustavson, 2009; Lahti, 2019).

Com parceiros homens heterossexuais, a situação é, devido ao carácter hegemónico da relação, bem como à hipersexualização das relações sexuais entre mulheres, muito diferente, não sendo a associação da bissexualidade ao desejo de experimentação fora da relação encarada necessariamente como uma ameaça, podendo mesmo dar origem à exploração hipotética de fantasias por parte do casal (Lahti, 2019) ou até ao incentivo, com frequência objetificador, a que a parceira tenha interações físicas e/ou sexuais com outras mulheres à sua frente ou de que possa ser parte (DeCapua, 2017). Esta atitude leva a que os parceiros homens aceitem, por vezes, que as suas parceiras bissexuais se

relacionem com outras mulheres, abrindo a relação, mas não com homens (Lahti, 2019). No seu estudo sobre relações des bissexuais, McLean (2004) identificou a tendência das mulheres bissexuais em relações não-monogâmicas para referir que os seus parceiros homens estavam mais confortáveis com o seu envolvimento com outras mulheres do que com homens (estando elas próprias também mais confortáveis se os parceiros homens não se relacionassem com outras mulheres). Conclui-se que há, nas relações das mulheres bissexuais com parceiros homens, espaço para expressar desejo por/fantasiar exclusivamente com mulheres ou mesmo agir sobre esse desejo. Se, por um lado, tal é positivo, por tornar a bissexualidade mais visível, por outro reflete as categorias dicotômicas e hierárquicas da matriz heterossexual, que coloca os homens acima das mulheres e a heterossexualidade acima da homossexualidade, já que o desejo das mulheres bissexuais por mulheres, ou mesmo sexo com mulheres, é encarado como menos ameaçador para a relação ou parceiro, constituindo, nalguns casos, a exceção à norma monogâmica (Lahti, 2019).

2.3.2.5. Adesão aos guiões de género tradicionais

As mulheres bissexuais inserem-se, bem como es parceiros e todes es que as rodeiam, numa cultura heteronormativa assente na monogamia normativa e na ideia de que existem apenas dois géneros, vistos como inatos e opostos que se atraem mutuamente, pelo que interiorizam, de forma mais ou menos consciente e ainda que se possam opor às mesmas (como muitas vezes acontece), as visões estereotipadas dominantes de homens e mulheres e os papéis sociais diferenciados que lhes são atribuídos que, ao criar uma série de expectativas genderizadas, orientam o comportamento e a interação, nomeadamente ao nível das relações amorosas (mesmo nas menos normativas), que se caracterizam, tradicionalmente, por uma divisão desigual de poder entre os elementos do casal – tipo normativo de relação – que favorece, nesta esfera como nas restantes, o homem, o masculino, visto como dominante sobre a mulher, o feminino (Pennington, 2009).

Estereótipos comuns sobre mulheres incluem, por exemplo, a ideia de que são passivas, emocionais, delicadas, sensíveis, empáticas, cuidadoras, simpáticas, modestas e sociáveis, enquanto que os homens tendem a ser vistos como agressivos, pouco expressivos emocionalmente, fisicamente dominantes sobre as mulheres, competitivos, independentes, fortes, assertivos e menos preocupados com a aparência (Pennington, 2009; Kwoka et al., 2020). Nas relações monogâmicas entre ambas, considera-se que o homem (visto como maior, mais forte, protetor) “veste as calças” na relação, tendo mais privilégios e poder que a mulher (mais pequena, fraca, dependente), e assume-se que terá maior iniciativa tanto romântica como sexual e que tomará mais decisões que afetam ambos os elementos

do casal, enquanto que a mulher se encarregará da maior parte das tarefas domésticas e dos cuidados com os filhos (Pennington, 2009).

Num estudo sobre expectativas de mulheres bissexuais para relações amorosas com homens e mulheres (Kwoka et al., 2020), as parceiras mulheres foram vistas como comunicando melhor e mais facilmente do que os parceiros homens, considerados menos expressivos e presentes emocionalmente do que as primeiras. Esperavam mais apoio emocional e reciprocidade das parceiras, cujas experiências semelhantes (de sexismo, por exemplo) facilitam a empatia e compreensão mútua, em comparação com os parceiros, com quem tendem a fazer a maior parte do trabalho emocional da relação e a quem tendem a dar mais tempo e espaço para se abrirem. Morandini, Pinkus e Dar-Nimrod (2018), reportando-se a um estudo de Kurdek (1998), referem, ao analisar o maior isolamento social sentido pelas mulheres bissexuais em relações com homens face às em relações com outras mulheres, a possibilidade de as primeiras experienciarem menos intimidade e conexão nas suas relações íntimas. As participantes do estudo de DeCapua (2017) mencionaram igualmente a maior capacidade das parceiras mulheres para as compreender, referindo algumas preferir relações com mulheres, sobretudo mulheres bissexuais, precisamente pela maior empatia.

No estudo de Pennington (2009), a diferença mais referida foi a tendência dos homens para se interessarem mais por sexo e assumiu-se que estes teriam maior iniciativa sexual. De acordo com Weinberg et al. (1994), com as parceiras mulheres, descritas como mais emocionais que os homens, as relações sexuais tendem a ser mais lentas e delicadas; foi criticada a tendência dos homens para se focarem mais nos genitais. Gustavson (2009) refere que não houve acordo, entre as participantes do seu estudo, relativamente à relação entre a intimidade e o género do objeto de desejo, reportando cada entrevistada desejos, e formas de atuação sobre os mesmos, diferentes em relação aos diferentes géneros. Géneros esses, como relata Lahti (2019), que nem sempre se conformam com categorizações binárias de sexo, género e sexualidade, sentindo-se as participantes do seu estudo atraídas e tendo estado, para além de com homens e mulheres com géneros normativos, com pessoas *genderqueer*⁹ e/ou trans ou de género não-binário. Contudo, tendo em conta a força da matriz heterossexual, estes desejos tendem a ser interpretados de acordo com entendimentos binários do género e da sexualidade, o que reflete, na visão da autora, a forma como os discursos sobre bissexualidade, que, tendo em conta a pouca inteligibilidade cultural da mesma, a definem como misturando ou alternando entre a homossexualidade e a heterossexualidade, a atração por mulheres e por homens, condicionam o modo como as mulheres bissexuais interpretam os seus próprios desejos, referindo a autora a escassez de palavras para descrever desejos por parceiros de diferentes

⁹ Pessoas *genderqueer* podem identificar-se com uma mistura de géneros, com ambos os géneros binários ou nenhum ou flutuar entre diferentes identidades de género ao longo do tempo.

géneros, com quem os prazeres sexuais podem (ou não) ser experienciados de forma diferente (Storr, 1999). A atração tende a ser muitíssimo genderizada, sendo as fantasias e relações com parceiros de diferentes géneros vistas como diferentes tanto pelos parceiros como pelas próprias. Para várias participantes do estudo de Lahti (2019), desejos por pessoas de géneros diferentes dos dos parceiros fazem-nas questionar a interrelação entre os seus desejos, o género de parceiro e a sua identidade (bis)sexual.

Um outro aspeto frequentemente apontado prende-se com a divisão do trabalho doméstico e dos cuidados com os filhos. Embora as capacidades e preferências de cada pessoa condicionem a distribuição das tarefas, a tendência é que, nas relações com homens, a maior parte da responsabilidade recaia sobre as mulheres bissexuais, ao contrário do que reportam das suas relações com mulheres e pessoas de género não binário, em que a distribuição tende a ser mais equitativa (Kwoka et al., 2020; Lahti, 2019; Pennington, 2009).

Identificou-se também uma tendência para esperar que os parceiros do género masculino providenciassem segurança física (em espaços públicos) e material (sustento económico) (Kwoka, et al., 2020).

De forma geral, as mulheres bissexuais descrevem as suas relações com mulheres e com parceiros de género não-binário (embora não exista tanta literatura sobre estas segundas) como mais livres do que as suas relações com homens em termos de normas sociais, nomeadamente da compulsão para que desempenhem um papel tradicionalmente feminino (Kwoka et al., 2020; Lahti, 2019; Pennington, 2009). Tal deve-se ao facto de os guiões de género tradicionais se aplicarem muito mais facilmente às suas relações com homens, por estas espelharem as relações heterossexuais, normativas, havendo maior pressão para adesão aos papéis de género convencionais, descrita até, pelas participantes do estudo de Pennington (2009), como óbvia, inconsciente ou mesmo natural. Já nas outras relações, na ausência de papéis de género claramente definidos, as mulheres bissexuais sentem-se mais livres para adotar expressões de género não-normativas (Kwoka et al., 2020) e tende a haver uma maior negociação entre os parceiros, que veem aí uma oportunidade de construir relações mais igualitárias, que valorizam e desejam, não assentes em diferenciais de poder genderizados. Dyar, Feinstein e London (2014), ao identificar níveis de depressão mais elevados em mulheres bissexuais em relações com homens do que com mulheres, sugerem que isto se pode dever, em parte, à maior pressão que as primeiras sentem para assumir um papel de género tradicionalmente feminino. Para além de se associar a uma maior negociação entre os parceiros, relações entre pessoas do mesmo género podem ser vistas em si mesmas como uma forma de resistência a performances de género convencionais, na medida em que desafiam a “heterossexualidade obrigatória”. Houve participantes do estudo de Pennington (2009) que referiram experienciar aquilo a que Butler (1997) chama “prazer transgressivo”

ao apresentar-se publicamente como estando numa relação com alguém do mesmo género, contrariando as expectativas heteronormativas das pessoas, o que não acontece tanto quando estão com parceiros do mesmo género.

De referir, contudo, que as relações entre pessoas do mesmo género não estão livre de problemas relacionados com masculinidades e feminilidades e que as relações de género não são a única causa de desigualdade de poder nas relações íntimas (Klesse, 2011).

É ainda de assinalar que es bissexuais não se limitam a aceitar e seguir passivamente normas de género tradicionais geradoras de diferenciais de poder. Mesmo nas relações em que há padrões relativamente estáveis de tomada de decisões e divisão do trabalho (emocional e material), as performances de género e o poder relativo de cada parceire variam de acordo com capacidades e interesses pessoais, contextos, envolvimento de outros indivíduos (como familiares ou amigos) e ao longo do tempo. Apesar de seguirem guiões de género tradicionais nas suas relações, es bissexuais fazem-no com grande agência individual e negociação com es parceiros (Pennington, 2009).

2.3.2.6. (Não) monogamias

Muites bissexuais são monogâmiques, inserindo-se em relações de exclusividade normativa, tendo Diamond (2008) inclusive concluído que as mulheres que se identificam como bissexuais têm maior probabilidade do que aquelas que se identificam como lésbicas ou que optam por não se rotular de desejar ou estar numa relação monogâmica, o que contraria o estereótipo de que não conseguem ser monogâmicas. No entanto, um número significativo adere, de facto, de acordo com a literatura, a NMCs (Anderlini-D’Onofrio, 2004; Barker e Langdrige, 2010; Klesse, 2007; Pallotta-Chiarolli, 1995). Numa sociedade organizada em torno da opção única (seja por um género – monossexismo - seja por 1 únice parceire - mononormatividade), as experiências das pessoas bissexuais e daquelas com orientações relacionais não-monogâmicas, ainda que es primeiros não integrem necessariamente, ou mesmo na maior parte das vezes, o grupo formado pelas segundas, cruzam-se.

As pessoas na interseção da bissexualidade com a não-monogamia confrontam-se com um preconceito redobrado, sendo ostracizadas não só por não corresponderem ao modelo dicotómico da sexualidade, como também por não se conformarem com a estrutura monogâmica socialmente atribuída às relações amorosas (McLean, 2004), o que cria mais desafios para iniciar relações (Baumgartner, 2021) e leva a que haja quem opte pela invisibilidade de modo a evitar o estigma (Gusmano, 2018). Estigma esse particularmente marcado no caso das mulheres (Gusmano, 2018; Klesse, 2005, 2007; Lahti, 2018;), o que assinala a importância do cruzamento do sexismo com a heteronormatividade, correndo estas maiores riscos de hipersexualização e de acusações de

promiscuidade, devido ao duplo padrão sexual, o que tem consequências altamente negativas sobre a sua reputação e capacidade de socialização sem risco emocional em vários contextos (Klesse, 2005).

Sejam monogâmicas ou não, a questão da (não) monogamia tende a surgir nas relações das pessoas bissexuais, devido à associação comum da sua identidade sexual com a não monogamia (McLean, 2004). Como afirma Trnka (1992), ‘a bissexualidade traz frequentemente a não monogamia como assunto’ (p.106). De acordo com Mclean (2004), a crença de que as bissexuais não podem ser monogâmicas leva a que possam sentir que estão destinadas a uma vida de promiscuidade ou de relações curtas ou a que sintam que têm de adotar uma orientação relacional não monogâmica para serem “verdadeiramente bissexuais”, ainda que desejem relações monogâmicas. Num estudo de Gustavson (2009), as mulheres bissexuais posicionaram-se de forma diferente em relação a esta associação de acordo com a sua orientação relacional: enquanto que as monogâmicas se mostraram irritadas com o estereótipo e viam nas suas relações monogâmicas, pautadas pela “normalidade”, uma forma de resistência, quase de protesto, face às expectativas relativas às relações das bissexuais, as não-monogâmicas, que estavam (ou tinham estado/gostariam de estar) em constelações relacionais diversas, viam nesta associação um incentivo à exploração de formas de relacionamento alternativas à monogamia, vista como uma instituição cultural opressiva. O trabalho de Klesse (2005) e de Robinson (2013) sugerem igualmente que, para algumas mulheres bissexuais, as relações não-monogâmicas são uma forma de agência, de emancipação ou ainda uma forma de expressão/preservação da sua identidade bissexual. A literatura sugere ainda que, para muitas mulheres bissexuais, a sua não monogamia se relaciona com o seu compromisso com o feminismo, a igualdade de género, o empoderamento feminino e a sua oposição aos regimes de género hetero-patriarcais (Deri, 2015; Klesse, 2021; Ritchie e Barker, 2007).

Para algumas das entrevistadas de Lahti (2019), a bissexualidade assumiu momentaneamente a forma da prática de ter múltiplas relações românticas e/ou sexuais com pessoas de vários géneros ou como a fantasia desta prática numa forma ideal de organização das relações. Estas fantasias eram, contudo, tidas por irrealizáveis no “mundo real”, o que remete para a ideia de que as interessadas em relações maduras e estáveis optam pela monogamia (Heaphy et al., 2013), que oferece um conjunto de regras socialmente aceitáveis para lidar com as ansiedades e sentimentos ambíguos sobre desejos que ultrapassam as fronteiras das relações normativas (Hochschild, 1979), nomeadamente rejeitá-los ou, pelo menos, não agir sobre os mesmos. Outra das razões apontadas para não ter uma orientação relacional não monogâmica foi a ameaça constituída pela atração dos parceiros por outras pessoas, contrariada pela adoção da monogamia, que as protegia a si e a parceiros desta ameaça, bem como de outros sentimentos dolorosos, como ciúmes (Lahti, 2019).

A literatura sugere, ainda que qualquer configuração relacional seja possível, que as pessoas bissexuais com uma orientação relacional não monogâmica tendem a preferir, e formar, uma relação primária com apenas 1 parceiro, a partir da qual negociam o tipo de relação que tanto elas como os parceiros terão com outros parceiros (McLean, 2004; Weinberg et al., 1994). Gustavson (2009) menciona que mesmo as participantes não-monogâmicas da sua amostra manifestaram dificuldade em libertar-se completamente da noção de casal, tendo muitas iniciado as suas explorações ao abrir as suas relações, assentes numa díade primária, e vendo-se frequentemente, no caso de terem muitos parceiros, sem que houvesse primárias, como solteiras e registou-se ainda uma tendência para que as relações paralelas assumissem igualmente a forma de casal. A partir das suas entrevistas e observação participante, Gusmano (2018) conclui que, pelo menos na comunidade poliamorosa e BDSM italianas, tendem a predominar relações primárias formadas por um homem e uma mulher, que são igualmente as mais comuns para as bissexuais (Monro, 2015; Wandrey et al., 2015; Weinberg et al., 1994). Ainda assim, verificam-se arranjos variados e, mesmo quando existe uma díade primária, os acordos que os 2 parceiros estabelecem para a relação diferem, sendo comum que estabeleçam regras sobre as condições em que é aceitável ter relações, sobretudo sexuais, com outros parceiros (Feinstein e Dyar, 2018). Este processo de negociação não é fácil nem linear, tendendo a ser reaberto à medida que 1 ou mais parceiros sentem ciúmes, insegurança ou receio. A definição das regras tende a passar, para além da honestidade e comunicação, pela negociação do tipo e quantidade de experiências sexuais que cada parceiro pode ter fora da relação primária e pelo género dos parceiros, sendo comum concordar-se em ter apenas parceiros do mesmo género se o parceiro for de género diferente, referindo as mulheres bissexuais em específico que os seus parceiros homens se sentem mais confortáveis se elas tiverem relações com mulheres do que com homens e que preferem igualmente que os parceiros homens não se relacionem com outras mulheres (McLean, 2004).

McLean (2004) conclui que as pessoas bissexuais tanto em relações monogâmicas como em NMCs adotam esforços semelhantes no que toca à comunicação, à confiança, à honestidade e ao trabalho para atingir acordos na relação, mostrando-se comprometidas com a manutenção das relações e demonstrando como ambos os formatos relacionais são sustentáveis e, de forma mais geral, como, apesar das múltiplas barreiras sociais e sistémicas, as bissexuais podem experienciar relações positivas.

Esta revisão da literatura gerou um maior entendimento sobre como o género, a orientação sexual e a configuração relacional se relacionam entre si nas relações das mulheres bissexuais e permitiu desenvolver um guião para a condução das entrevistas (Anexo A). No entanto, devido à grande complexidade do material obtido e às limitações espaciais, optou-se por focar a análise no

impacto do género dos parceiros nas relações das entrevistadas. Posto isto, a pergunta de investigação desta dissertação é de que forma é que o género dos parceiros afeta as relações das jovens bissexuais portuguesas.

3. Metodologia

Sendo o objetivo da presente dissertação perceber que importância atribuem ao género dos parceiros as jovens bissexuais portuguesas, optou-se por uma abordagem qualitativa, de forma a apurar, em detalhe e profundidade, as experiências, representações, expectativas e opiniões das entrevistadas, estando o foco nos processos e construção de significado (Wilkinson et al., 2004).

Para a recolha de dados, recorreu-se a entrevistas semi-estruturadas - cujo guião (Anexo A) foi desenvolvido a partir da revisão da literatura - de modo a orientar as entrevistas para os temas desejados, sem, contudo, seguir uma estrutura rígida, permitindo também às entrevistadas determinar, em certa medida, o curso da entrevista e permitindo à entrevistadora fazer questões adicionais de forma a clarificar as respostas das entrevistadas, podendo estas, inclusive, introduzir novos temas. As entrevistas, conduzidas tanto presencial como virtualmente, duraram uma média de 3 horas e foram gravadas e transcritas *ipsis verbis*.

Para o tratamento das entrevistas, recorreu-se à análise temática, método que consiste em identificar, analisar e interpretar padrões (temas) recorrentes nos dados e que se caracteriza pela flexibilidade e fácil aplicação, adequando-se particularmente bem à investigação de assuntos poucos estudados ou em que se desconhecem as visões dos participantes em relação aos mesmos. Cada tema foca-se numa ideia-chave que emerge dos dados, considerada relevante para dar resposta à pergunta de partida pelo investigador e ajudando-o a organizar e apresentar os seus resultados de forma rica e coerente (Braun e Clarke, 2021). Para assistir a análise, usou-se o programa NVivo (Versão Release 1.7.1. (1534)).

Tendo em conta as limitações materiais da presente dissertação, bem como o estatuto minoritário das mulheres bissexuais portuguesas e, sobretudo, daquelas em relações não-monogâmicas (critério de diversificação da amostra), optou-se, na seleção das entrevistadas, pelo recurso a contactos pessoais, diretos e indiretos. A opção pela amostragem em bola de neve permitiu, por um lado, um acesso fácil e rápido à população-alvo, bem como um elevado grau de confiança entre entrevistadora e entrevistadas. Por outro lado, e como seria de esperar, promoveu igualmente a homogeneização da amostra, uma vez que todas as entrevistadas integram, ainda que com diferentes graus de proximidade, os círculos sociais da entrevistadora, o que, inevitavelmente, enviesou os resultados obtidos.

Os critérios de seleção incluíam apenas a autoidentificação como mulher bissexual, a nacionalidade portuguesa (de forma a apurar a especificidade do contexto sociocultural nacional) e idade inferior a 30 anos. Foram entrevistadas 12 jovens, com idades entre os 18 e os 29 anos, a maioria das quais estudante ou trabalhadora-estudante e residente em Lisboa. Sete das entrevistadas estavam, no momento da entrevista, em relações – 4 em relações monogâmicas e 3 em NMCs – com pessoas de diferentes géneros, encontrando-se as restantes 5 não estavam em relações (Tabela 1).

Tabela 1. Características sociodemográficas das entrevistadas.

Nome fictício	Idade	Cidade de residência	Nível de escolaridade	Situação laboral	Situação Conjugal	Em relações	Tipo de relação	Parceiros atuais	Estatutos minoritários
Sofia	21	Lisboa	Licenciatura	Trabalhadora	Solteira	Não	-	-	-
Marta	18	Lisboa	Ensino secundário	Estudante	Solteira	Sim	Monogâmica	Uma mulher	-
Sara	22	Lisboa	Licenciatura	Trabalhadora estudante	Solteira	Sim	Monogâmica	Um homem	-
Carolina	29	Lisboa	Licenciatura	Trabalhadora estudante	Solteira	Não	-	-	-
Raquel	24	Coimbra	Ensino secundário	Estudante	Solteira	Sim	Poliamorosa	Dois homens	Imigrante
Inês	23	Lisboa	Licenciatura	Trabalhadora	Solteira	Não	-	-	-
Vitória	20	Lisboa	Ensino secundário	Trabalhadora estudante	Solteira	Sim	Poliamorosa	Uma mulher	-
Mónica	20	Lisboa	Ensino secundário	Estudante	Solteira	Não	-	-	-
Clara	23	Lucerne	Licenciatura	Estudante	Solteira	Não	-	-	Emigrante
Filipa	23	Porto	Licenciatura	Estudante	Solteira	Sim	Monogâmica	Uma mulher	-
Joana	25	Setúbal	Licenciatura	Trabalhadora	União de facto	Sim	Poliamorosa	Uma pessoa não binária	Mulher trans
Diana	22	Coimbra	Ensino secundário	Estudante	Solteira	Sim	Monogâmica	Um homem	-

Seguindo a tendência da maioria dos estudos sobre bissexualidade, a maior parte da amostra é composta por mulheres jovens com elevados níveis de escolaridade (Lahti, 2019), brancas, que vivem em áreas urbanas e são parte de comunidades bissexuais ou *queer* (Baumgartner e Maliepaard, 2021).

4. Resultados e discussão

Recorrendo-se à análise temática, as entrevistas começaram por ser codificadas, chegando-se, a partir dessa codificação inicial, num processo iterativo, aos temas - A alegada irrelevância do género, Não-binariedade como Outro distante, O (des)conforto para lá da heteronorma e A desumanização vinda da masculinidade - e respetivos subtemas, apresentados na Figura 1.

Figura 1. Temas e subtemas.

TEMAS	A alegada irrelevância do género	Não-binariedade como Outro distante	O (des)conforto para lá da heteronorma	A desumanização vinda da masculinidade
SUBTEMAS		Ignorância Admiração	Segurança Liberdade Empatia Cuidado Incerteza Alvo de estigma	Objetificação Desidentificação Fonte de guiões Manipulável

No Anexo B, encontra-se uma tabela que, para além de incluir os temas e subtemas, apresenta os códigos dentro dos mesmos, com pequenos excertos ilustrativos.

4.1. A alegada irrelevância do género

Todas as entrevistadas tenderam a relativizar a importância do género dos parceiros, mencionando a maioria, por exemplo, que não era um fator de atração diferenciador ou algo particularmente impactante no carácter dos parceiros e/ou nas dinâmicas relacionais:

Raquel: É meio igual. Porque, pronto, lá está... para mim, o género não é um fator determinante. É mais a pessoa em si e o que ela traz. Os seus ideais.

Muitas referem que as suas relações não são marcadas por papéis de género, considerando que cada relação é única e demasiado específica para generalizações, sendo moldada, sobretudo, pela interação das personalidades des envolvidas e pelo contexto em que a relação se desenvolve, o que

está de acordo com estudos anteriores, como o de Pennington (2009), quando esta refere que as performances de género e o poder relativo de cada parceira variam de acordo com capacidades e interesses pessoais, contextos, envolvimento de outros indivíduos (como familiares ou amigos) e ao longo do tempo.

As entrevistadas, tal como na maioria dos estudos (Pennington, 2009; Lahti, 2019), mostraram-se ainda críticas dos papéis de género socialmente definidos, que dizem procurar desconstruir, tendo-se verificado resultados semelhantes na análise de Pennington (2009), que assinala que as bissexuais não se limitam a aceitar e seguir passivamente normas de género tradicionais geradoras de diferenciais de poder.

No entanto, paradoxalmente, no decorrer da entrevista, associam, de forma mais ou menos explícita, uma série de traços de personalidade e comportamentos dos parceiros ao género das mesmas. Quando confrontadas com esse paradoxo, algumas entrevistadas explicaram que, embora para si, em abstrato, o género não seja uma categoria especialmente relevante, o mesmo não acontece necessariamente com as pessoas com quem se relacionam, que tendem a ser descritas como vendo o género de forma mais essencialista (sobretudo homens), o que acaba por impactar as dinâmicas relacionais, tanto no que concerne às expectativas como às práticas. Muitas das entrevistadas reconheceram que elas mesmas adotam, por vezes, papéis de género diferenciados conforme estão com parceiros homens ou mulheres, devido à influência dos tais guiões tradicionais.

De referir que as duas entrevistadas mais velhas (25 e 29 anos) foram das que mais veementemente assinalaram a variação da dinâmica relacional de acordo com o género dos envolvidos, fazendo referência, sobretudo, à masculinidade tóxica e à diferença com que relações entre pessoas do mesmo género e de géneros diferentes são socialmente recebidas.

4.2. A não-binariedade como Outro distante

Outra tendência transversal é a adoção do binarismo de género enquanto fonte de inteligibilidade para os discursos, sendo apresentada a informação relativa aos parceiros homens maioritariamente em contraponto com a relativa a parceiras mulheres (na esmagadora da maioria das vezes cisgénero), e vice-versa, adotando-se, mesmo que de forma inconsciente, a ideia dos dois géneros binários como opostos, marginalizando-se as restantes identidades de género, o que remete para o subtema ignorância. De facto, a maioria das entrevistadas revelou ter pouco contacto com pessoas trans e/ou não binárias, sobretudo enquanto parceiros, bem como conhecimento sobre a forma como estas desejam ser tratadas, antecipando que teriam, numa relação, um período de adaptação e de lidar com

discriminação de terceiros, mas não prevendo, em geral, que isso pudesse ter impacto significativo na relação.

Verificaram-se igualmente, ainda que em menor grau, atitudes de curiosidade, e até admiração (o outro subtema), pelas pessoas que se identificam como não binárias e/ ou trans, pela sua coragem em desconstruir o discurso social estabelecido em relação ao género:

Marta: Eu acho que é o facto de conseguirem conciliar os dois sexos, vá, digamos, o feminino e o masculino, na sua forma única, que eu acredito muito, pronto, na unicidade de cada pessoa, e intriga-me ou deixa-me quase espantada a forma como eles conseguem ser eles próprios tentando não ir pelos signos da sociedade do que é que é o homem, do que é que é a mulher, e pronto, só criarem a sua própria identidade que é única.

No entanto, mesmo as entrevistadas que já tiveram parceiros trans e/ou de género não binário, incluindo a entrevistada trans, bem como a do excerto acima, fazem uma problematização das dinâmicas de género que ainda funciona largamente dentro dos trâmites do binarismo, sendo os seus discursos, focados no binómio homem/mulher, bastante cisnormativos. De facto, mesmo quando estão a descrever a sua atração e relação por/com pessoas com géneros não normativos, recorrem a visões binárias de género e sexualidade (Lahti, 2019):

Joana: A primeira. A Esteves. Por acaso, acho que ela também se identifica como não-binária, mas não tenho a certeza absoluta.

De referir ainda que algumas entrevistadas mencionaram, tal como em relação a parceiras mulheres, esperar de parceiros com uma identidade de género não normativa uma maior compreensão e segurança, por também estas serem, mesmo que potencialmente heterossexuais, *queer*.

4.3. O (des)conforto para lá da heteronorma

Houve, de uma forma geral, atitudes positivas por parte das entrevistadas em relação a parceiras, ou potenciais parceiras, mulheres.

Quase todas as entrevistadas mencionaram a segurança (primeiro subtema), tanto emocional como sexual, que dizem sentir com parceiras mulheres (e mulheres de forma geral). No campo emocional, as entrevistadas referem uma maior tendência para confiar nas parceiras, com quem mais

fácil e rapidamente se sentem à vontade, e a quem atribuem maior responsabilidade emocional, em comparação com (parceiros) homens. Por outro lado, a crença num menor risco de agressão sexual, e mesmo de gravidezes indesejadas, assegura-lhes, de acordo com as mesmas, uma maior tranquilidade.

Raquel: Até em questões de confiança, no sentido de tu tem muito mais confiança com outra mulher de falar “Ah! Mudei de ideia” do que com rapazes. (...) pode ser que não, né- mas tendem, né, a te escutar muito mais se você falar “Não” ou “Não gostei disso, não gostei daquilo” do que rapazes, em nível superficial. Muitas vezes, você fala “Não gosto disso, não gosto daquilo” e eles “Ah! Mas porquê?”, “Ah! Não sei o quê!”. Tendem muito mais a contestar do que só aceitar.

Destacou-se também, em relação a parceiras mulheres, o subtema liberdade, considerando as entrevistadas que as mulheres tendem a ter uma mente mais aberta, manifestando, por exemplo, menos preconceitos em relação às minorias sexuais e sendo mais descomplexadas, nomeadamente a nível sexual.

Vitória: Mas sinto que com mulheres- ou seja, sexualmente existem menos questões, sinto que é mais tipo “bora experimentar isto, bora experimentar aquilo, bora fazer isto, bora fazer aquilo” e não é tanto uma questão.

É, contudo, de assinalar que, ainda que as mulheres tendam, de forma geral, a ser vistas como menos preconceituosas, algumas entrevistadas mencionaram, tal como em estudos anteriores, que existe estigma por parte de (potenciais) parceiras lésbicas (Balsam e Mohr, 2007; Bostwick, 2012; DeCapua, 2017; Hayfield et al., 2014;), devido à aversão à atração das parceiras bissexuais por homens e ao receio/expectativa de que as traíam com os mesmos (Ault, 1994; Gustavson, 2009; Lahti, 2019).

A ideia de liberdade advém igualmente de, na sua ótica, as relações entre mulheres, não sendo heteronormativas, não tenderem a seguir tanto guiões de género tradicionais, que não se lhes aplicam tão facilmente, abrindo-se um leque de possibilidades que cabe, ainda de acordo com as entrevistadas, às envolvidas na relação definir, através da negociação (Kwoka et al., 2020; Pennington, 2009; Lahti, 2019). Para a maioria, essa “fuga” à heteronormatividade é vista como positiva, nomeadamente por promover a paridade de poder e a autodescoberta:

Diana: Ao menos não é influenciada por nada sem ser tu e a forma como te relacionas com outra pessoa, não tem, sei lá, a cena do ter de ser eu a cozinhar e ela tem de lavar o chão. Epá, não há

aquele estereótipo que existe entre casais heterossexuais. De formas de agir e de estar em sociedade e que papéis tens de envergar, sei lá, se calhar dava muito mais espaço para explorar o meu estilo sem me preocupar com o facto de ela querer ver as minhas mamas ou o meu rabo, e mais, será que eu quero ver as minhas mamas e o meu rabo?

Este excerto resume aquilo que se verificou no estudo de Kwoka, Rostoskya e Riggle (2020), que concluíram que as mulheres bissexuais se sentem mais livres para adotar expressões de género não-normativas e que tende a haver uma maior negociação entre es parceiros, que veem aí uma oportunidade de construir relações mais igualitárias, que valorizam e desejam, com mulheres.

Houve, contudo, quem assinalasse que essa alegada não existência de guiões definidos nas relações entre mulheres pode, por outro lado, gerar situações de confusão e tensão:

Sara: (...) aquela cena do pedido de casamento, tradicionalmente, o homem pede à mulher, ajoelha-se com uma caixinha e tal e não sei quê... E já uma vez eu tive uma conversa sobre isso.... Imagina eu estar numa relação com uma mulher, queremos casar, eu peço em casamento e ela fica chateada comigo porque queria ser ela a pedir-me em casamento? What? What's going on? Há certas coisas que uma mulher pode querer simular que um homem faça. Ou seja, há certos papéis que uma mulher pode querer adotar que são à partida masculinos. É completamente válido uma mulher querer ser o homem da relação e isso pode nem ser uma coisa má. Apesar de eu não gostar muito de papéis de género, se uma mulher quiser ser mais masculina, está perfeitamente no direito dela. Portanto... again, depende da pessoa. Depende da pessoa, depende do tipo de papel que estejamos a falar.

Este excerto é particularmente interessante por, em primeiro lugar, tornar manifesto, como acontece em quase todas as entrevistas, que, mesmo em relações entre pessoas do mesmo género, o binómio homem/mulher continua a ser a referência dos guiões para a relação, não sendo estas relações isentas de problemas ligados às masculinidades e feminilidades, pondo em evidência que as relações de género não são a única fonte de desigualdade nas relações amorosas (Klesse, 2011). Por outro lado, ao referir a potencialidade de uma mulher querer adotar traços “à partida masculinos”, desloca a masculinidade dos homens, vendo-a como algo que também uma mulher pode assumir, podendo-se, como acontece em algumas entrevistas, fazer o exercício oposto, em que alguns homens são vistos como tendo atitudes mais ligadas à feminilidade, o que remete para a visão construtivista do género, que tende a estabelecer mais paralelos do que diferenças entre homens e mulheres, podendo ambas adotar traços tradicionalmente considerados como mais femininos ou masculinos sem que isso comprometa a sua masculinidade e feminilidade, respetivamente. De referir, contudo, que se

verificou que os parceiros homens fazem muito mais questão de afirmar a sua masculinidade do que as mulheres a sua feminilidade.

Um outro subtema que emergiu foi o da empatia. De acordo com as entrevistadas, tende a haver, nas suas relações com parceiras, uma maior partilha de experiências e mundividências, fruto da sua comum socialização enquanto mulheres, o que facilita a comunicação e compreensão, promovendo, no seu entender, relações mais harmoniosas, bem como um maior alinhamento dos seus interesses e gostos:

Sara: Eu, sendo mulher, vou mais facilmente identificar-me com a experiência de outra mulher do que com a experiência de um homem. Nesse aspeto, e da minha experiência, é mais fácil criar uma relação com a mulher. Até porque... quer dizer, nós todas somos - como somos socializadas enquanto mulheres, temos muitas coisas em comum... sei lá, gostar de maquilhagem, gostar de astrologia, gostar de moda, gostar de tipo... não é que eu goste muito de moda, mas, tipo, whatever... enquanto os gajos é mais: futebol... coiso e tal [risos]. Portanto, são próprias coisas com que nós vivemos na nossa sociedade, enquanto pessoas portuguesas e da mesma geração, não é? Porque outras gerações seria uma história completamente diferente. Mas na nossa geração e no nosso contexto, é mais fácil para mim identificar-me com mulheres, sim. Tanto em termos de coisas... lá está, é como eu te falei há bocadinho, é preciso que as pessoas estejam na mesma vibe, estejam na mesma onda de pensamento e de comportamento e todas essas coisas. Nesse aspeto, é mais fácil com uma mulher.

A maioria apontou o estatuto de minoria social das mulheres, experiência coletiva de discriminação, como moldando as suas atitudes em relação a outras mulheres, tal como no estudo de Kwoka, Rostoskya e Riggle (2020), facilitando a compreensão mútua. Essa maior compreensão foi apontada, de forma semelhante ao que se verificou no estudo de DeCapua (2017), como razão para preferirem relacionar-se com outras mulheres, sobretudo bissexuais.

Também se referiu a semelhança corporal, apontada como tornando o sexo mais intuitivo por haver, de acordo com as entrevistadas, um maior conhecimento do corpo uma da outra, e como facilitadora da prestação de apoio durante os períodos menstruais. Tal leva a que se possa falar numa possível re-essencialização do feminino ligado ao corpo e ao reprodutivo.

Algumas entrevistadas mencionaram, contudo, como essa pressuposta maior coincidência entre pessoas do mesmo género pode, por outro lado, tornar a relação menos rica, por existirem menos perspetivas, e, até, mais aborrecida:

Joana: *Mas depois tens desvantagens: pode ficar tudo muito mais secante muito mais depressa porque é tudo igual a toda a hora ou não tens certas experiências novas ou não tens certos pontos de vista diferentes.*

Nas relações com outras mulheres, as entrevistadas consideraram existir, de forma geral, uma maior preocupação com o bem-estar da outra pessoa, bem como mais dedicação e apoio mútuo, esperando um maior apoio emocional e reciprocidade das parceiras que dos parceiros (Kwoka, et al., 2020), o que nos remete para o subtema do cuidado.

Raquel: *Sei lá... todas as relações com pessoas do género feminino - sempre foram pessoas muito mais atentas, não sei, ao outro - ao outro sendo eu, no caso. São pessoas muito mais sensíveis ao outro, eu diria, do que pessoas do género masculino, que na maioria das vezes não precisam estar tão atentas ou cresceram sendo educadas a não estarem tão atentas.*

As parceiras são também apontadas como mais independentes e proativas dentro da relação do que os parceiros, apresentando um maior empenho e investimento emocional do que os últimos. Muitas entrevistadas referem ser, por essa razão, mais fácil estar com mulheres do que com homens.

Apesar de tendencialmente vistas sob uma luz bastante favorável, nem tudo nas relações com mulheres foi considerado positivo, sendo disso exemplo os subtemas incerteza e alvo de estigma. De facto, referiram-se uma série de dificuldades, para além da potencial frustração com a alegada ausência de papéis definidos, nas relações com parceiras, resultantes sobretudo, de acordo com as entrevistadas, da heteronormatividade e consequente *sexual minority stress* (Meyer, 2003). Com efeito, um número significativo de entrevistadas mencionou que as mulheres, elas próprias e as (potenciais) parceiras, têm alguma dificuldade em identificar e aceitar a sua atração por mulheres, por serem, de acordo com as primeiras, socialmente condicionadas para sentir atração por homens:

Sofia: *(...) eu acho que, tipo, eu, ao crescer, eu sentia-me muito mais atraída por rapazes, porque era um bocado como estávamos programadas.*

Tal faz, de acordo com algumas das entrevistadas, com que o universo de potenciais parceiras seja menor, bem como de mais difícil identificação e abordagem, devido à heterossexualidade assumida (subtema incerteza).

Por outro lado, todas as entrevistadas referiram que as relações entre pessoas do mesmo género, no seu caso entre mulheres, estão expostas à discriminação social (subtema alvo de estigma) e, talvez

mais importante e com particular relevância no caso das entrevistadas, à discriminação familiar, uma vez que a amostra é composta por jovens, muitas delas ainda dependentes da família. Essa pressão familiar e social, mesmo que apenas potencial, levou a que algumas entrevistadas optassem pelo secretismo da relação, impactando negativamente a mesma, pela ausência de uma vertente social. Uma das entrevistadas declarou mesmo ter passado a optar por parceiros homens depois de um período de hostilidade da família para com a relação que mantinha com a namorada da altura:

Diana: Eu acho que desisti das mulheres porque era mais complicado para falar com os meus pais, ter de jogar este jogo das escondidinhas.

De referir que a idade e a localização geográfica foram identificadas como altamente relevantes no que concerne à aceitação das relações homoafetivas. Muitas entrevistadas referiram o maior à vontade que hoje teriam em manter esse tipo de relação em comparação a quando eram mais novas, devido às crescentes autoaceitação, independência e aceitabilidade social. Os meios mais pequenos foram, muitas vezes fazendo o paralelismo com Lisboa, apontados, por um lado, como locais onde é mais difícil encontrar parceiros do mesmo género ou de um género não binário e/ou trans, e por outro, como locais onde manter relações não heteronormativas tem mais consequências sociais negativas.

É ainda de assinalar que, embora sofrendo mais discriminação de forma geral quando estão em relações com mulheres ou pessoas com identidades de género não normativas, muitas entrevistadas referiram ser mais bem recebidas por pessoas e em espaços LGBTI+ quando mantêm essas relações do que quando estão com homens, o que, não deixando de ser uma forma de binegatividade, constitui uma vantagem na medida em que lhes permite uma maior proximidade a pessoas com quem tendem a identificar-se e a estabelecer relações de comunidade (Dyar et al., 2014; Molina et al., 2015).

Conclui-se que as expectativas e práticas nas relações com mulheres são altamente ambivalentes, já que se, por um lado, as entrevistadas tendem a ver as mulheres de forma muito positiva, bem como as dinâmicas relacionais que estabelecem com elas, se confrontam, por outro, com uma série de desafios, quando têm parceiras, que, sendo sobretudo “externos” às relações em si, podendo ser atribuídos à heteronormatividade, não deixam, por isso, de as afetar grandemente, condicionando a forma como procuram e mantêm esse tipo de relações.

4.4. A desumanização vinda da masculinidade

A maior parte das entrevistadas, por diversas razões, revelou-se algo crítica em relação aos parceiros homens.

Muitas associaram às relações com homens a ideia de objetificação (primeiro subtema), tanto a nível do trabalho genderizado, como a nível emocional e físico. Na sua maioria, as entrevistadas consideraram sair prejudicadas na divisão de tarefas domésticas, por exemplo, e, ainda que fazendo muitas salvaguardas, os parceiros homens foram identificados como mais irresponsáveis e tendencialmente focados em si próprios, negligenciando, por vezes, as necessidades das parceiras, que consideram apoiá-los num grau superior:

Inês: (...) dizia ao Lucas que era aquilo que eu queria, o que é que eu queria, e, tipo, e disse várias vezes, e ele nunca, tipo, ele ouvia-me, dizia que sim, que mudava e que fazia as cenas de forma diferente, e voltava a repetir o mesmo padrão, estás a ver? E muitas das vezes que eu precisei dele, ele abandonava-me.

Todas as entrevistadas consideraram que, ainda que se oponham a tal, a noção de que a mulher se encarregará da maior parte das tarefas domésticas e dos cuidados com os filhos está ainda profundamente enraizada a nível social. Verificou-se, na esmagadora maioria das entrevistas, uma tendência para que, nas relações com homens, a maior parte da responsabilidade recaia, criando relações desiguais, sobre as entrevistadas (Kwoka et al., 2020; Pennington, 2009; Lahti, 2019), o que é associado por Dyar, Feinstein e London (2014) à maior pressão que as bissexuais sentem para assumir um papel de género tradicionalmente feminino quando estão com parceiros homens, que as autoras relacionam com os níveis de depressão mais elevados em mulheres bissexuais nas relações com homens.

Muitas entrevistadas mencionaram episódios de tentativas de controlo, por vezes bem sucedidas, por parte dos parceiros:

Inês: (...) o Felipe simplesmente não me deixava mesmo estar com outras pessoas porque tinha esses comportamentos, e que, tipo, "Não podes estar com...", tipo, "Vais estar com outras pessoas, olha o que me fazes" e não sei o quê...

Na esfera sexual, foram apontadas a prescrição e rigidez, mas, sobretudo, o foco no prazer masculino e nos genitais, tal como descrito por Weinberg et al. (1994), sendo frequente considerarem que os seus parceiros têm pouca atenção ao prazer e preferências sexuais delas. Tal como no estudo de Pennington (2009), um número significativo de entrevistadas referiu que os parceiros homens tendem a interessar-se mais por sexo e a ter maior iniciativa sexual. De referir ainda que mencionaram frequentemente sentir, por parte de alguns parceiros, uma hipersexualização da sua bissexualidade,

fetichizando-se as suas relações com outras mulheres, mas não com outros homens, constituindo tal facto motivo de grande frustração:

Joana: Mas os gajos se são duas gajas pensam “bué fixe, bué hot, mostrem, beijem-se” e por aí fora, mas se for com um gajo já é tipo “calma lá...”.

Tal constatação está de acordo com estudos anteriores que concluem que, nas relações com homens, há espaço para as mulheres bissexuais expressarem atração por outras mulheres ou mesmo para se relacionarem com elas, o que é, por um lado, positivo, por tornar a sua bissexualidade mais visível, mas por outro, e tendo em conta que não se verifica o mesmo – muito pelo contrário – em relação à atração por outros homens, revelador da objetificação masculina das relações sexuais entre mulheres, que não são, muitas vezes, vistas como ameaçadoras pelos seus parceiros, como o são as com outros homens, o que demonstra a hegemonia dos homens sobre as mulheres e da heterossexualidade sobre a homossexualidade (Lahti, 2019).

Questionadas sobre o grau de identificação com os parceiros, a maioria das entrevistadas demonstrou um certo desfasamento em relação aos parceiros de género masculino (subtema da desidentificação), considerando que estes, seja por influência da tradição patriarcal ainda existente, que lhes impõe os seus estereótipos clássicos, seja especificamente pelos exemplos e modelos provenientes dos seus progenitores, tendem a ser mais fechados, em termos emocionais – tal como no estudo de Kwoka, Rostoskya e Riggie (2020) – e de mentalidade, e a ter interesses e formas de ver o mundo e a relação diferentes das suas, o que obriga as parceiras a um maior esforço para assegurar a comunicação. No estudo de Morandini, Pinkus e Dar-Nimrod (2018), isso foi apontado, tal como no caso de algumas entrevistadas, como gerando menos intimidade e conexão com homens.

As entrevistadas mencionaram, no âmbito da desidentificação com parceiros homens, especificamente os preconceitos relativos às minorias de género e sexuais que estes têm, de acordo com elas e com muitos estudos, com alguma frequência, o que, enquanto bissexuais (e no caso da entrevistada trans, também enquanto trans), as afeta, por vezes, de forma direta, verificando-se um número considerável de momentos de binegatividade nas suas relações com parceiros:

Sara: Isso é um dos comentários ao qual eu estou exposta all the time, especialmente pelo meu namorado, que tem essas dúvidas todas e que... epá, ele pergunta-me bué vezes: “Achas que um dia tipo gostavas de experimentar com uma mulher, não sei quê?” Eu fico, tipo, “Se eu fosse hétero, ias-me perguntar se eu ia querer estar com outro homem? Não! Então, porque é que me perguntas se quero estar com outra mulher?”

Ainda que não se tenham verificado muitos casos de ocultação da sua bissexualidade a (potenciais) parceiros, algumas entrevistadas descreveram momentos de tensão em torno dessa questão nas suas relações com homens, desde sentirem-se apreensivas em relação à reação dos parceiros a situações de alguma violência, o que está de acordo com os estudos que associam a bissexualidade a maior violência doméstica, emocional e física, sobretudo para mulheres em relações com homens (Feinstein e Dyar, 2018; Klesse, 2005):

Inês: E, de manhã, eu acordei e estava, tipo, com os pulsos todos roxos de ele me agarrar.

As relações com homens foram ainda descritas como fonte de guiões (outro subtema), na medida em que encaixam na prescrição social para relações. Tratando-se as relações entre homens e mulheres do tipo de relação normativo, é, desde logo, mais fácil para as entrevistadas, de acordo com as mesmas, identificar e agir sobre a sua atração por homens, tendendo também os últimos a abordá-las mais do que potenciais parceiras mulheres por assumirem que a atração será recíproca, o que justifica, de acordo com alguns estudos, que a maioria das mulheres bissexuais estejam em relações com homens (Gusmano, 2018; McLean, 2004; Pew Research Center, 2013), situação que não se verificou na amostra da presente dissertação.

Ao mesmo tempo, todas as entrevistadas referiram existir uma muito maior aceitabilidade social destas relações, o que leva a algumas a dizer ser mais fácil estar com homens:

Carolina: Ya, é diferente. Quando estás com homem é tudo muito fácil, é tudo muito aceitável, é tudo muito fácil. Fácil a nível da sociedade – a ida a restaurantes, passear, estar em público, isso é tudo muito fácil, se pessoas veem e acham bonito e “ai que casal tão giro”. Quando é com uma pessoa do mesmo sexo há falta de segurança, já não é assim tão bonito de verem na rua porque há comentários...

Algumas entrevistadas mencionaram inclusive passar, muitas vezes, com ou sem intenção, por heterossexuais (*straight-passing*). Tal remete para a muitíssimo documentada invisibilidade da bissexualidade nas relações, por se assumir a orientação sexual a partir do género de parceire atual - heterossexual quando estão com homens; lésbica quando com mulheres (Anderson et al., 2015; Feinstein e Dyar, 2018; Hartman-Linck, 2014; Hayfield et al., 2018; Hequembourg e Brallier, 2009; Kwoka et al., 2020; Ross e al., 2010) - o que constitui uma fonte de frustração para algumas das entrevistadas, que gostariam que a sua bissexualidade fosse mais visível, mas que é relativamente

indiferente para a maioria. O *straight-passing* remete ainda para a segurança da heterossexualidade, como o excerto acima torna manifesto, tendo as entrevistadas concordado que se debatem com muito menos questões, sobretudo a nível familiar e social, quando estão com parceiros homens do que quando estão com parceiros de outros géneros.

Dentro da relação, as entrevistadas consideraram que existem também guiões de género. A prescrição social de que o homem tem mais poder e iniciativa romântica e sexual na relação ("vestindo as calças") e de que as tarefas domésticas são responsabilidade das mulheres é contestada pela maioria, mas adotada, numa ou mais dimensões, pela maioria dos parceiros de género masculino, mais tradicionais que elas, e até mesmo por elas próprias, havendo frustração associada tanto à adesão - descrita, pelas participantes do estudo de Pennington (2009) como óbvia, inconsciente ou mesmo natural - como à inversão dos papéis tradicionais.

Marta: Eu acho que geralmente e pela sociedade tem aquela coisa de o homem é que tem que ter a iniciativa e ele é que pede em casamento e ele é que pede em namoro e etc., e eu estando numa relação heteronormativa, que já tive, também sentia muito isso, tanto pela pressão da sociedade e sexualmente porque também não sentia essa iniciativa, portanto era sempre o parceiro que iria ter.

De referir que, como expectável, as entrevistadas poliamorosas se contam entre as que mais contestaram os guiões tradicionais para as relações, não só no que concerne ao facto de não serem monogâmicas, mas também na forma como veem o papel do género (e da orientação sexual) nas suas relações. De facto, tendem a fazer uma maior desconstrução daquilo que são as relações amorosas, não mostrando ter, por exemplo, tantas expectativas *a priori* para as suas relações, bem como de categorias como o género e as orientações sexual e relacional, revelando uma visão mais construtivista e trans-inclusiva do que as suas pares monogâmicas.

Algumas entrevistadas afirmaram, de modo algo inusitado, que o verdadeiro poder nas relações entre pessoas do género feminino e do género masculino está, contrariamente àquela que é a prescrição social tradicional, nas mãos das mulheres, ainda que os próprios parceiros possam não se aperceber disso, sendo manipuláveis pelas suas parceiras (subtema manipulável):

Mónica: Não. Aliás, eu tenho a teoria que, na verdade, são as mulheres que vestem as calças, mas que passam a ideia de que são eles que estão a usar as calças.

Entrevistadora: E como é que fazem isso?

Mónica: Inteligência emocional.

Entrevistadora: *Manipulação, no caso?*

Mónica: *Sim.*

Esta estratégia feminina de obtenção sub-reptícia de poder na relação contraria a antecipação de Pennington (2019) de que, numa relação entre um homem e uma mulher, o primeiro tomará mais decisões que afetam ambos os elementos do casal. No entanto, mesmo detendo, desta forma, o verdadeiro poder, o facto das entrevistadas terem de o obter, de forma “disfarçada”, dos parceiros, põe em evidência o quão profundamente enraizada está a ideia de que o poder reside nos homens, exercendo-o estes, tradicionalmente, sobre as mulheres. Ainda que procurando subvertê-la, todas as entrevistadas, inserindo-se numa sociedade ainda muito patriarcal, revelaram ter por referência essa distribuição desigual do poder, a favor dos homens, nas relações. Manifestação máxima disso é o facto de, mesmo quando consideram que são elas quem detém maior poder na relação, o exercerem sem que os parceiros, ou mesmo terceiros, se apercebam disso, não desafiando os guiões socialmente definidos nem o suposto ascendente dos parceiros de forma declarada. De referir que esta ideia da manipulação como verdadeiro poder das mulheres ainda parte de uma visão muito genderizada, sendo a ‘mulher manipuladora’ um tropo patriarcal, por vezes ligado à ideia de uma economia do sexo também.

Os parceiros homens surgem, em várias entrevistas, como encaixando no estereótipo da masculinidade tóxica, sendo descritos como emocionalmente fechados e distantes, como procurando projetar uma imagem de força e de poder e como preconceituosos em relação a minorias de género e sexuais. Existem, contudo, muitos parceiros descritos de forma diferente, mais positiva, nomeadamente como sendo mais sensíveis e tendo uma mente mais aberta, o que nos permite falar em masculinidades alternativas.

5. Conclusão

Este estudo demonstrou que as experiências amorosas des bissexuais são complexas, confrontando-se as mulheres bissexuais em específico com circunstâncias únicas no que concerne às negociações de género e sexualidade nas suas relações.

Depois de explicados os conceitos de género, orientação sexual e configuração relacional e, sobretudo, a forma como essas variáveis interagem nas relações amorosas das mulheres bissexuais, procedeu-se, com base na revisão da literatura sobre o tema, à construção de um guião de entrevista que permitisse apurar a importância dessas mesmas variáveis especificamente nas relações amorosas das jovens bissexuais portuguesas, recrutadas a partir de contactos pessoais (amostragem em bola de neve). As suas dinâmicas relacionais revelaram-se altamente complexas, sendo condicionadas por uma série de fatores, desde a idade des envolvidas às suas preferências sexuais, passando pelas opiniões des familiares e amigas. Cada relação é única, com características muito específicas, sendo difícil, como as próprias entrevistadas assinalaram, fazer generalizações sobre as dinâmicas adjacentes às mesmas. Ainda assim, empregando o método da análise temática, foi possível identificar uma série de tendências transversais a grande parte, quando não à totalidade, das entrevistas. No âmbito da presente dissertação, teria sido impossível analisar em detalhe todas as dimensões das relações amorosas das entrevistadas, tendo-se optado por focar a análise no impacto do género des parceiros, o que permitiu organizar as suas partilhas em quatro grandes temas: o primeiro - a alegada irrelevância do género – relativo à relativização da importância do género; o segundo – a não-binariedade como Outro distante – sobre (potenciais) parceiros trans e/ou não binários; o terceiro – o (des)conforto para lá da heteronorma – relativo à feminilidade; e, finalmente, o quarto - a desumanização vinda da masculinidade – sobre parceiros homens.

As entrevistadas revelaram, desde logo, assumir uma posição ambivalente em relação ao tema, já que se, por um lado, afirmaram prontamente que o género des parceiros não é assim tão relevante, priorizando outros aspetos como a personalidade e o momento de vida, por outro associaram uma série de traços de personalidade e situações impactantes das dinâmicas relacionais precisamente ao género des parceiros. Também a posição em relação ao seu próprio género se revelou ambivalente, já que tenderam a não associar a sua forma de estar ao género feminino, mas, por outro lado, apontaram o mesmo, por exemplo, como aproximando-as das parceiras, cuja fisicalidade semelhante promove um entendimento mais profundo do corpo das mesmas, que se manifesta, de acordo algumas entrevistadas, em relações sexuais mais intuitivas e numa maior compreensão durante o período menstrual, ao mesmo tempo que a socialização idêntica é indicada como geradora de experiências partilhadas, o que leva a uma maior identificação, muito valorizada,

com parceiras mulheres. Esta ideia é ilustrativa, para além da cisnormatividade no que concerne às questões corporais e à socialização, de um certo essencialismo de género que perpassa todas as entrevistas, sendo, neste caso, as parceiras apresentadas de forma homogénea e como detentoras de qualidades fixas, intrínsecas e inatas à condição de mulher.

Outro dos aspetos analisados mais consensuais entre as entrevistadas prende-se com a aceitabilidade social das suas relações, muitíssimo superior quando estão em relações com homens, o que é revelador do quão homofóbica ainda é a sociedade portuguesa. Inserindo-se as entrevistadas, bem como as parceiras das mesmas, nessa sociedade tão marcadamente cis-hetero-mono-normativa, as suas relações não podem deixar de ser afetadas pelos valores culturais vigentes, que as mesmas têm por referência, mesmo quando deles se procuram afastar. De facto, ainda que mostrando-se, de forma geral, críticas dos papéis de género tradicionais, as entrevistadas revelaram tê-los bastante presentes enquanto horizonte cultural e assumiram, nalguns momentos, reproduzi-los, sobretudo nas suas relações com homens, mais heteronormativas. Nas relações com mulheres e pessoas de género não binário, esses papéis foram vistos como aplicando-se mais dificilmente ou, pelo menos, não de forma tão automática, mas, ainda assim, não deixaram, em muitos momentos, de estar presentes enquanto uma espécie de grelha de análise das dinâmicas relacionais, sempre explicadas dentro dos tramites do binarismo de género, como quando uma atitude de uma parceira mulher é descrita como “masculina”, por exemplo. Este enraizamento profundo do binarismo de género é posto em evidência de forma flagrante - para além de por essa ausência de referências a dinâmicas genderizadas que sejam críticas de como essa genderização é feita - pela quase ausência de referências a pessoas não binárias - sendo os discursos das entrevistadas muito em torno de homens e mulheres cis, vistos como contraponto umas des outras.

De facto, e revelando o tal certo grau de essencialismo de género, as parceiras mulheres tenderam a ser vistas como mais comunicativas, descomplexadas, compreensivas, preocupadas e esforçadas em comparação com os parceiros homens, descritos, de forma geral, como emocionalmente mais fechados, preconceituosos, ensimesmados, perigosos e inertes. As entrevistadas reconheceram, contudo, na sua maioria, um grau de generalização demasiado simplista nessas análises e referiram uma série de exceções, indicando comportamentos menos positivos por parte de mulheres e, sobretudo, fazendo questão de afastar alguns parceiros homens, especialmente se numa relação com eles atualmente, dessa visão mais tradicional e negativa dos mesmos, fazendo referência às suas virtudes (muitas vezes lidas como femininas). Verificaram-se, deste modo, expectativas, por vezes baseadas não em relações efetivas mas em projeções, de relações mais harmoniosas e saudáveis com mulheres, antecipando-se mais desafios internos com homens, ainda que socialmente considerem mais fácil manter relações com estes. A heterossexualidade surge, deste

modo, como um local de perigo e ao mesmo tempo de segurança narrativa vinda dos sistemas normativos. É ainda de assinalar que as entrevistadas denunciaram a binegatividade e hipersexualização da mulher que sentem permear a sociedade portuguesa, sobretudo por parte de homens heterossexuais.

Longe da imagem de relações puras de Giddens (1992), as relações das jovens bissexuais portuguesas revelaram-se profundamente marcadas por fatores estruturais como o género des envolvidos e a heteronormatividade, criadores de eixos de poder indesejados. De facto, tanto o género feminino como a bissexualidade – a segunda vista como menos relevante na relação do que o género, sendo, por vezes, relegada para segundo plano pelas próprias participantes (ainda que, numa cultura que considera o casal monogâmico como a forma mais respeitável de organizar a vida íntima, estar associada a uma sexualidade considerada oscilante, excessiva e como envolvendo múltiplos parceiros tenha, por vezes, consequências negativas, sobretudo para as mulheres, devido ao duplo padrão sexual) - foram associados a práticas de discriminação no seio das relações. É de assinalar que as entrevistadas demonstraram, de forma geral, um elevado nível de consciência das dinâmicas de género nas suas relações, bem como das performances de género que podem estar envolvidas no processo de estabelecer e manter uma relação. Revelando-se críticas dos papéis de género tradicionais, afirmaram, ainda que reconhecendo cair, por vezes, nos mesmos e manifestando visões normativas de género, procurar combatê-los nas suas relações. A bissexualidade, apesar de não ser encarada como especialmente relevante nas relações, foi apontada como promovendo essa desconstrução, o que remete para a ideia da bissexualidade como forma de resistência contra as tendências normativas. Os testemunhos das entrevistadas permitem-nos ainda identificar aqueles que consideram ser os fatores mais benéficos para as relações, que nos permitem refletir e agir sobre dinâmicas genderizadas, tais como a tentativa de fuga dos papéis de género tradicionais, que organizam rigidamente e *a priori* as relações, em detrimento de dar espaço a que os envolvidos explorem, de forma mais livre e natural, a fruição das idiosincrasias específicas das suas dinâmicas. Também a comunicação e a empatia foram apontadas como basilares para uma relação saudável e feliz, bem como a confiança entre parceiros, muito associada à segurança sentida na relação, tida por muito importante.

Apesar de ter permitido um entendimento mais profundo sobre a forma como as mulheres bissexuais e respetivos parceiros negociam as diferentes posições de género e sexualidade nas suas relações, aumentando o conhecimento sobre um grupo tantas vezes ignorado no panorama nacional, a presente dissertação foi fortemente condicionada pelos limites espaciais, que, para além de não terem permitido uma análise mais fina do impacto do género dos parceiros nas relações das jovens bissexuais nem apurar grandes diferenças entre as últimas com base nas suas características

sociodemográficas, impossibilitaram a análise dos dados (bastante extensos e reveladores) recolhidos sobre o peso da orientação sexual e da configuração relacional nas dinâmicas relacionais, que deverá ser tido em conta em investigações futuras. Com efeito, seria bastante interessante perceber de que modo a orientação sexual dos parceiros e a estrutura relacional medeiam o papel do género dos parceiros, bem como apurar o impacto da discriminação em função da orientação sexual, do género e da orientação relacional nas mulheres bissexuais em relações amorosas. Seria igualmente interessante explorar potenciais paralelos e diferenças entre as relações da amostra analisada e outras constituídas, desta vez, por homens e/ou pessoas mais velhas.

6. Referências bibliográficas

- Acker, J. (1992). From Sex Roles to Gendered Institutions. *Contemporary Sociology*, 21(5), 565-569.
- Alarie, M. e Gaudet, S. (2013). "I don't know if she is bisexual or if she just wants to get attention": Analyzing the various mechanisms through which emerging adults invisibilize bisexuality. *Journal of Bisexuality*, 13(2), 191–214.
- Alberto, J. A. (2018). Bissexualidade(s): Crenças e opiniões. Tese de Mestrado em Psicologia. Escola de Ciências Sociais - Universidade de Évora, Évora. 96 pp.
- American Psychological Association (APA). (2021). Guidelines for Psychological Practice with Sexual Minority Persons. Recuperado de www.apa.org/about/policy/psychological-practice-sexual-minority-persons.pdf. Consultado a 24/07/2023.
- Anderlini-D'Onofrio, S. (2004) *Plural Loves: Designs for Bi and Poly Living*. Londres. Harworth Press.
- Anderson, E., Scoats, R. e McCormack, M. (2015). Metropolitan bisexual men's relationships: Evidence of a cohort effect. *Journal of Bisexuality*, 15(1), 21-39.
- Armstrong, H. L. e Reissing, E. D. (2014). Attitudes toward casual sex, dating, and committed relationships with bisexual partners. *Journal of Bisexuality*, 14(2), 236–264.
- Ault, A. (1994). Hegemonic Discourse in an Oppositional Community: Lesbian Feminists and Bisexuality. *Critical Sociology*, 20(3), 107–122.
- Balsam, K. F. e Mohr, J. J. (2007). Adaptation to sexual orientation stigma: A comparison of bisexual and lesbian/gay adults. *Journal of Counseling Psychology*, 54(3), 306–319.
- Barker, M. e Langdridge, D. (2008). Bisexuality: Working with a Silenced Sexuality. *Feminism & Psychology*, 18(3), 389–394.
- Barker, M. e Langdridge, D. (2010). Whatever happened to non-monogamies? Critical reactions on recent research and theory. *Sexualities*, 13(6), 748-772
- Baumgartner, R. (2021). "I think that I'm not a relationship person": Bisexual women's accounts of (internalised) binegativity in non monogamous relationship narratives. Em: E. Maliepaard e R. Baumgartner (eds.), *Bisexuality in Europe: Sexual citizenship, romantic relationships, and bi+ identities*. Abingdon. Routledge.
- Beck, U. e Beck-Gernsheim, E. (1995). *The Normal Chaos of Love*. Cambridge. Polity Press.
- Bostwick, W. (2012). Assessing bisexual stigma and mental health status: A brief report. *Journal of Bisexuality*, 12(2), 214–222.

- Bostwick, W. e Hequembourg, A. (2014). 'Just a little hint': bisexual-specific microaggressions and their connection to epistemic injustices. *Culture, health & sexuality*, 16(5), 488–503.
- Bradford, M. (2004). The Bisexual Experience: Living in a Dichotomous Culture. *Journal of Bisexuality*, 4(1-2), 7–23.
- Braun, V. e Clarke, V. (2021). *Thematic Analysis: A Practical Guide*. Londres. SAGE Publications Ltd.
- Breno, A. L. e Paz Galupo, M. (2008). Bias Toward Bisexual Women and Men in a Marriage-Matching Task, *Journal of Bisexuality*, 7(3-4), 217-235.
- Brewster, M. E. e Moradi, B. (2010). Perceived experiences of anti-bisexual prejudice: Instrument development and evaluation. *Journal of Counseling Psychology*, 57(4), 451–468.
- Bronn, C. D. (2001). Attitudes and self-images of male and female bisexuals. *Journal of Bisexuality*, 1(4), 5–29.
- Butler, J. (1990). *Gender trouble: Feminism and the subversion of identity*. Nova Iorque. Routledge.
- Cardoso, D. (2021). UK's Consensual Non-monogamies in the press: 2010-2014: An analysis of news coverage (Short Report No. 2; CNM-MOVES Reports). Manchester Metropolitan University.
- Cardoso, D. e Klesse, C. (2022). Living outside the BOX: consensual non-monogamies, intimacies and communities. Notes on research and terminology. Em M. Vaughan e T. R. Burnes (Eds.), *The Handbook of Consensual Non-Monogamy: affirming mental health practice. Diverse Sexualities, Genders, and Relationships*. Maryland, Rowman and Littlefield.
- Daly, S. J. (2021). Bisexual women and monogamy. Em: E. Maliepaard e R. Baumgartner (eds.), *Bisexuality in Europe: Sexual citizenship, romantic relationships, and bi+ identities*. (pp.100-114) Abingdon. Routledge.
- Davids, C. M. e Lundquist, G. G. (2018). Relationship themes and structures of bisexual individuals, *Sexual and Relationship Therapy*, 33(1-2), 6-12.
- Davila, J., Jabbour, J., Dyar, C. e Feinstein, B. A. (2019). Bi+ Visibility: Characteristics of Those Who Attempt to Make Their Bisexual+ Identity Visible and the Strategies They Use. *Archives of sexual behavior*, 48(1), 199–211.
- de Bruin, K. e Arndt, M. (2010). 'Attitudes Toward Bisexual Men and Women in a University Context: Relations with Race, Gender, Knowing a Bisexual Man or Woman and Sexual Orientation', *Journal of Bisexuality*, 10 (3), 233-252.
- DeCapua, S. R. (2017). Bisexual women's experiences with binegativity in romantic relationships. *Journal of Bisexuality*, 17, 451–472.

DePaulo, B. M. e Morris, W. L. (2005). Singles in Society and in Science. *Psychological Inquiry*, 16(2-3), 57–83.

Deri, J. (2015). *Love's refraction: Jealousy and compersion in queer women's polyamorous relationships*. Toronto. University of Toronto Press.

Diamond, L. M. (2005). "I'm straight, but I kissed a girl": The trouble with American media representations of female-female sexuality. *Feminism and Psychology*, 15,104–110.

Diamond, L. M. (2008). *Sexual fluidity: Understanding women's love and desire*. Cambridge. Harvard University Press.

Diamond, L. M., Dickenson, J. A. e Blair, K. L. (2017). Stability of Sexual Attractions Across Different Timescales: The Roles of Bisexuality and Gender. *Archives of sexual behavior*, 46(1), 193–204.

Dyar, C., Feinstein, B. A. e London, B. (2014). Dimensions of sexual identity and minority stress among bisexual women: The role of partner gender. *Psychology of Sexual Orientation and Gender Diversity*, 1(4), 441–451.

Eisner, S. (2013). *Bi: notes for a bisexual revolution*. Berkeley. Seal Press.

Eliason, M. (2001). Bi-negativity: The stigma facing bisexual men. *Journal of Bisexuality*, 1(2-3), 137–154.

Eliason, M.J. (1997). The Prevalence and Nature of Biphobia in Heterosexual Undergraduate Students. *Archives of Sexual Behavior*, 26, 317–326.

Fahs, B. (2009) Compulsory Bisexuality?: The Challenges of Modern Sexual Fluidity, *Journal of Bisexuality*, 9(3-4), 431-449.

Farvid, P. e Braun, V. (2013). Casual sex as 'not a natural act' and other regimes of truth about heterosexuality. *Feminism & Psychology*, 23(3), 359–378.

Fausto-Sterling, A. (1993). *Gender: An Ethnomethodological Approach*. Nova Iorque. Oxford University Press.

Feinstein, B. A. e Dyar, C. (2018). Romantic and sexual relationship experiences among bisexual individuals. Em D. J. Swan e S. Habibi (Eds.), *Bisexuality: Theories, research, and recommendations for the invisible sexuality* (pp. 145–163). Springer International Publishing.

Feinstein, B. A., Dyar, C., Bhatia, V., Latack, J. A. e Davila, J. (2014). Willingness to engage in romantic and sexual activities with bisexual partners: Gender and sexual orientation differences. *Psychology of Sexual Orientation and Gender Diversity*, 1(3), 255–262.

- Foucault, M. (1978). *The History of Sexuality, Volume I: An Introduction*. Nova Iorque. Pantheon Books.
- Freedner, N., Freed, L. H., Yang, Y. W. e Austin, S. B. (2002). Dating violence among gay, lesbian, and bisexual adolescents: results from a community survey. *The Journal of adolescent health: official publication of the Society for Adolescent Medicine*, 31(6), 469–474.
- Gates, G. J. (2011). How many people are lesbian, gay, bisexual and transgender? Los Angeles. The Williams Institute. Recuperado de <https://williamsinstitute.law.ucla.edu/wp-content/uploads/How-Many-People-LGBT-Apr-2011.pdf>. Consultado a 24/07/2023.
- Gato, J. (2022). Discriminação contra Pessoas LGBTI+: Uma Revisão de Literatura Nacional e Internacional. Em Saleiro, S. (Org.), *Estudo Nacional sobre as necessidades das pessoas LGBTI e sobre a discriminação em razão da orientação sexual, identidade e expressão de género e características sexuais*. 9-45. Lisboa. CIG.
- Giddens, A. (1992). *The transformation of intimacy: Sexuality, love, and eroticism in modern societies*. Stanford. Stanford University Press.
- Gill, R. (2008). Empowerment/Sexism: Figuring Female Sexual Agency in Contemporary Advertising. *Feminism & Psychology*, 18(1), 35–60.
- Gusmano, Beatrice (2018), "Coming out Through an Intersectional Perspective: Narratives of Bisexuality and Polyamory in Italy", *Journal of Bisexuality*, 18(1), 15-34.
- Gustavson, M. (2009). Bisexuals in relationships: Uncoupling intimacy from gender ontology. *Journal of Bisexuality*, 9(3–4), 407–429.
- Hartman-Linck, J. E. (2014). Keeping bisexuality alive: Maintaining bisexual visibility in monogamous relationships. *Journal of Bisexuality*, 14(2), 177-193.
- Hayfield, N., Campbell, C. e Reed, E. (2018) Misrecognition and managing marginalisation: Bisexual people's experiences of bisexuality and relationships, *Psychology & Sexuality*, 9(3), 221-236.
- Hayfield, N., Clarke, V. e Halliwell, E. (2014). Bisexual women's understandings of social marginalisation: "The heterosexuals don't understand us but nor do the lesbians". *Feminism & Psychology*, 24(3), 352-372.
- Heaphy, B., Smart, C. e Einarsdottir, A. (2013). *Same sex marriages: New generations, new relationships*. Basingstoke. Palgrave Macmillan.
- Hemmings, C. (2002). *Bisexual Spaces: A Geography of Sexuality and Gender* (1st ed.). New York. Routledge.

- Hequembourg, A.L., Brallier, S. A. (2009). An exploration of sexual minority stress across the lines of gender and sexual identity. *Journal of Homosexuality*, 56(3), 273–298.
- Herdt, G. (2001). Social change, sexual diversity, and tolerance for bisexuality in the United States. Em: A. R. D’Augelli e C. J. Patterson (Eds.), *Lesbian, gay, and bisexual identities and youth: Psychological perspectives*. Nova Iorque. Oxford University Press.
- Hertlein, K. M., Hartwell, E. E. e Munns, M. E. (2016). Attitudes Toward Bisexuality According to Sexual Orientation and Gender, *Journal of Bisexuality*, 16(3), 339-360.
- Hochschild, A. (1979). Emotion Work, Feeling Rules, and Social Structure. *American Journal of Sociology*, 85(3), 551-575.
- Hutzler, K. T., Giuliano, T. A., Herselman, J. R. e Johnson, S. M. (2015). Three’s a crowd: Public awareness and (mis)perceptions of polyamory. *Psychology & Sexuality*, 7(2), 1–19.
- Israel, T. e Mohr, J. J. (2004). Attitudes Toward Bisexual Women and Men, *Journal of Bisexuality*, 4(1-2), 117-134.
- Katz-Wise, S. L., Stamoulis, C., Allison, C. M. e Hyde, J. S. (2019). Attitudes Toward Bisexuality and Other Beliefs and Attitudes Related to Sexual Fluidity in Attractions among Heterosexual and Sexual Minority Young Adults. *Journal of Bisexuality*, 19(1), 1-22.
- Ketokivi, K. (2012). The Intimate Couple, Family and the Relational Organization of Close Relationships. *Sociology*, 46(3), 473–489.
- Kitzinger, C. (1990). The token lesbian chapter. Em S. Wilkinson (Ed.) *Feminist social psychologies: International perspectives* (pp. 119-144). Buckingham. Open University Press.
- Klesse, C. (2005). Bisexual Women, Non-Monogamy and Differentialist Anti-Promiscuity Discourses. *Sexualities*, 8(4), 445–464.
- Klesse, C. (2007). *The Spectre of Promiscuity; Gay Male and Bisexual NonMonogamies and Polyamories*. Hampshire. Ashgate.
- Klesse, C. (2011). Shady Characters, Untrustworthy Partners, and Promiscuous Sluts: Creating Bisexual Intimacies in the Face of Heteronormativity and Biphobia, *Journal of Bisexuality*, 11(2-3), 227-244.
- Kurdek, L. A. (1998). Relationship outcomes and their predictors: Longitudinal evidence from heterosexual married, gay cohabiting, and lesbian cohabiting couples. *Journal of Marriage and the Family*, 60(3), 553–568.
- Kwoka, C., Rostosky, S. e Riggle, E. (2020). Bisexual-Identifying Women’s Relationship Expectations of Female- and Male-Identifying Partners. *Journal of Bisexuality*, 20(2), 141-165.

- Lahti, A. (2019). *Bisexuality in relationships: a queer psychosocial approach*. Tese de doutoramento em Filosofia. Faculty of Humanities and Social Sciences - University of Jyväskylä, 207 pp.
- Lannutti, P. J. e Denes, A. (2012) A Kiss Is Just a Kiss?: Comparing Perceptions Related to Female–Female and Female–Male Kissing in a College Social Situation, *Journal of Bisexuality*, 12(1), 49-62.
- Lahti, A. e Kolehmainen, M. (2020). LGBTQ+ break-up assemblages: At the end of the rainbow. *Journal of Sociology*. 56(4), 608 – 628.
- Li, T., Dobinson, C., Scheim, A. I. e Ross, L. E. (2013). Unique issues bisexual people face in intimate relationships: A descriptive exploration of lived experience. *Journal of Gay & Lesbian Mental Health*, 17(1), 21–39.
- Macalister, H. E. (2003). In Defense of Ambiguity. *Journal of Bisexuality*, 3(1), 23-32.
- Madison, N. (2016). *Technologies of Visibility: New Mediations of Bisexuality*. Tese de Doutoramento em Filosofia. Drexel University. Filadélfia. 184 pp.
- Maliepaard, E. e Baumgartner, R. (2021). *Bisexuality in Europe: Introduction to the field and this book*. Em: E. Maliepaard e R. Baumgartner (eds.), *Bisexuality in Europe: Sexual citizenship, romantic relationships, and bi+ identities*. (pp.1-17). Abingdon. Routledge.
- McLean, K. (2004). Negotiating (Non)Monogamy: Bisexuality and Intimate Relationships', in R. Fox (ed.) *Current Research on Bisexuality*. (pp. 85-97). New York. Harrington Park Press.
- Meyer, I. H. (2003). Prejudice, social stress, and mental health in lesbian, gay, and bisexual populations: conceptual issues and research evidence. *Psychological bulletin*, 129(5), 674–697.
- Mohr, J. J. e Rochlen, A. B. (1999). Measuring attitudes regarding bisexuality in lesbian, gay male, and heterosexual populations. *Journal of Counseling Psychology*, 46(3), 353–369.
- Molina, Y., Marquez, J.H., Logan, D.E., Leeson, C.J., Balsam, K.F. e Kaysen, D.L. (2015). Current intimate relationship status, depression, and alcohol use among bisexual women: The mediating roles of bisexual-specific minority stressors. *Sex Roles*, 73(1), 43–57.
- Monro, S. (2015). *Bisexuality: Identities, Politics, and Theories*. (*Gender and Sexualities in the Social Sciences*). Londres. Palgrave Macmillan.
- Morandini, J., Pinkus, R. T. e Dar-Nimrod, I. (2018). Does partner gender influence relationship quality among non-monosexual women? *Sexual and Relationship Therapy*, 33(7), 1-20.
- Movement Advancement Project (MAP). (2016). *Invisible majority: The disparities facing bisexual people and how to remedy them*. Movement Advancement Project. Denver. Recuperado de <https://www.lgbtmap.org/file/invisible-majority.pdf>. Consultado a 13/05/2022.

Ochs, R. (1996). Biphobia: It goes more than two ways. Em B. A. Firestein (Ed.), *Bisexuality: The psychology and politics of an invisible minority* (pp. 217–239). Sage Publications, Inc.

Organização para a Cooperação e Desenvolvimento Económico (OECD). (2019). Society at a glance 2019: OECD social indicators. OECD Publishing. Paris. Recuperado de <https://www.oecd.org/social/society-at-a-glance-19991290.htm>. Consultado a 13/05/2022.

Pallotta-Chiarolli, M. (1995). Choosing not to choose: Beyond monogamy, beyond duality. Em K. Lano e C. Parry (Eds.), *Breaking the barriers of desire*. (pp. 41-67). London: Five Leaves Publication.

Pennington, S. (2009). Bisexuals “doing gender” in romantic relationships. *Journal of Bisexuality*, 9, 33–69.

Pew Research Center. (2013). A survey of LGBT Americans: Attitudes, experiences and values in changing times. Pew Research Center. Washington, D.C. Recuperado de <https://www.pewresearch.org/social-trends/2013/06/13/a-survey-of-lgbt-americans/>. Consultado a 13/05/2022.

Pohtinen, J. (2017). Creating a Feeling of Belonging. Solidarity in Finnish Kink Communities. *SQS – Suomen Queer-Tutkimuksen Seuran Lehti*, 10(1–2), 21–34.

Rich, A. (1980). Compulsory Heterosexuality and Lesbian Existence. *Signs*, 5(4), 631-660.

Risman, B. J., Froyum, C. M., Scarborough, W. J. (2018). *Handbook of the Sociology of Gender*. Cham, Springer.

Ritchie, A. e Barker, M. (2007). Hot bi babes and feminist families: Polyamorous women speakout. *Lesbian and Gay Psychology Review*, 8(2), 141–151.

Robinson, M. (2013) Polyamory and Monogamy as Strategic Identities, *Journal of Bisexuality*, 13(1), 21-38.

Rodríguez, J. M. (2016). Queer politics, bisexual erasure: Sexuality at the nexus of race, gender, and statistics. *lambda Nordica*, 1–2, 169–182.

Roseneil, S., Crowhurst, I., Hellesund, T., Santos, A. C., e Stoilova, M. (2020). *The Tenacity of the Couple-Norm: Intimate citizenship regimes in a changing Europe*. Londres. University College London.

Ross, L. E., Salway, T., Tarasoff, L. A., MacKay, J. M., Hawkins, B. W. e Fehr, C. P. (2018). Prevalence of Depression and Anxiety Among Bisexual People Compared to Gay, Lesbian, and Heterosexual Individuals: A Systematic Review and Meta-Analysis, *The Journal of Sex Research*, 55(4-5), 435-456.

Rupp, L. J. e Taylor, V. (2010). Straight Girls Kissing. *Contexts*, 9(3), 28–32.

- Rust, P. C. (1993). "Coming out" in the age of social constructionism: Sexual Identity Formation among Lesbian and Bisexual Women. *Gender & Society*, 7(1), 50–77.
- Rust, P. C. (2003). Finding a sexual identity and community: Therapeutic implications and cultural assumptions in scientific models of coming out. Em L. D. Garnets e D. C. Kimmel (Eds.), *Psychological perspectives on lesbian, gay, and bisexual experiences* (pp. 227–269). New York. Columbia University Press.
- Simon, W. e Gagnon, J.H. (1986). Sexual scripts: Permanence and change. *Arch Sex Behav* 15, 97–120
- Spalding, L. R. e Peplau, L. A. (1997). The Unfaithful Lover: Heterosexuals' Perceptions of Bisexuals and Their Relationships. *Psychology of Women Quarterly*, 21(4), 611–625.
- Storr, M. (1999). Postmodern Bisexuality. *Sexualities*, 2(3), 309–325.
- Trnka, S. (1992). A pretty good bisexual kiss there. Em E. R. Weise (Ed.), *Closer to home. Bisexuality and feminism* (pp. 103–114). Seattle. Seal Press.
- Udis-Kessler, A. (1990). Bisexuality in an essentialist world: Toward an understanding of biphobia. Em T. Geller (Ed.), *Bisexuality: A reader and sourcebook* (pp. 51-63). Ojai, Times Change Press.
- Valente, P. (2020). O "x" e o "@" não são a solução: Sistema Elu e Linguagem Neutra em Género. Recuperado de <https://medium.com/@pedrosttv/sistema-elu-linguagem-neutra-em-g%C3%A9nero-pt-9529ed3885cf>. Consultado a 06/06/2023.
- Wandrey, R. L., Mosack, K. E. e Moore, E. M. (2015). Coming Out to Family and Friends as Bisexually Identified Young Adult Women: A Discussion of Homophobia, Biphobia, and Heteronormativity, *Journal of Bisexuality*, 15(2), 204-229.
- Weinberg, M. S., Williams, C. J. e Pryor, D. W. (1994). Dual attraction: Understanding bisexuality. New York, Oxford University Press.
- Weston, K. (1995). "Forever is a long time: Romancing the real in gay kinship ideologies". Em, Edited Yanagisako, S. e Delaney, C. (Eds.). *Naturalizing power: Essays in feminist cultural analysis* (pp. 87–110). New York: Routledge.
- Wharton, A. S. (2005). *The Sociology of Gender: An Introduction to Theory and Research*. Malden. Blackwell Publishing.
- Wilkinson, S., Joffe, H., e Yardley, L. (2004). *Qualitative data collection*. Em D. F. Marks e L. Yardley (Eds.), *Research methods for clinical and health psychology* (pp. 39-55). Londres. Sage.
- Wu, A.K., Marks, M.J., Young, T.M. e Beasley, M. A. (2019). Predictors of Bisexual Individuals' Dating Decisions. *Sexuality & Culture*, 24, 596–612.

Yost, M. R. e Thomas, G. D. (2012). Gender and binegativity: Men's and women's attitudes toward male and female bisexuals. *Archives of Sexual Behavior*, 41(3), 691–702.

Zinik, G. (1985). Identity conflict or adaptive flexibility? Bisexuality reconsidered. *Journal of Homosexuality*, 11(1-2), 7–19.

7. Anexos

Anexo A. Guião das entrevistas

Introdução

- Podia falar um bocadinho das relações românticas e sexuais que teve até hoje?
[pedir diagrama]
- Como definiria uma relação?
- O que é mais importante numa relação? O que faz uma boa relação?

Esfera romântica

- Por que tipo de pessoa, se alguma, se sente romanticamente atraída? Ou mais atraída? Que impacto, se algum, tem o género dos parceiros nessa atração?
- Sente interesse romântico por pessoas de géneros diferentes? Como descreveria o seu nível de interesse romântico por cada género? O género da pessoa condiciona a probabilidade de desenvolver uma atração romântica por ela ou, pelo contrário, é algo a que não dá importância, valorizando mais outras características? Quais? Sente-se atraída por coisas diferentes em cada género ou tende a procurar as mesmas em todas as pessoas?
- Já se apaixonou por pessoas de géneros diferentes? São experiências diferentes?
- Sente que a sua atração romântica se alterou ao longo do tempo?
- Como é que ser bissexual afeta a sua vida romântica?
- Que impacto diria que as relações que teve ao longo da vida tiveram/têm na sua saúde mental? Varia com o género, orientação sexual ou número de parceiros? De que forma?

Esfera sexual

- Por que tipo de pessoa, se alguma, se sente sexualmente atraída? Ou mais atraída? Que impacto, se algum, tem o género dos parceiros nessa atração?
- Sente-se sexualmente atraída por mais de um género? Como descreveria o seu nível de atração sexual por cada género? O género da pessoa é relevante para a atração ou, pelo contrário, algo a que não reage muito? Sente-se atraída por coisas diferentes em cada género ou tende a reagir a estímulos semelhantes? Que outras características condicionam a sua resposta sexual?
- Que diferenças identifica nas relações sexuais com pessoas de géneros diferentes?
- Sempre foi assim? Que variações sofreu a sua atração sexual ao longo do tempo?
- Como é que ser bissexual afeta a sua vida sexual?

Género

- Já teve relações amorosas com pessoas de gêneros diferentes? E com orientações sexuais diferentes? Identifica diferenças entre estar numa relação com pessoas de gêneros diferentes? E com orientações sexuais diferentes?
- Qual é, na sua opinião, a importância do gênero de(s) parceire(s) numa relação?
- O que é que significa, se é que alguma coisa, estar com alguém do mesmo gênero ou de um gênero diferente? Que implicações tem?
- Existem alguns benefícios ou desvantagens em estar com alguém do mesmo gênero ou de um gênero diferente?
- Os papéis/expectativas de gênero dentro da relação fazem-se sentir de forma diferente conforme o gênero da outra pessoa?
- Sente que os papéis tradicionais se fazem mais presentes em determinados tipos de relação? Em quais, porquê e como?
- Considera que as suas relações menos normativas põem, de alguma forma, em causa, esses papéis estereotipados? E as mais normativas?
- Como dividem as tarefas domésticas?
- Que características tende a associar a homens e a mulheres?
- De que forma, se de todo, é que a sua bissexualidade afeta a forma como se atribuem papéis de gênero pré-definidos a adotar nas relações? [Sendo o caso] E a sua não monogamia?
- Acredita que a maior diversidade de parceiros com quem os bissexuais se podem relacionar (parceiros com diferentes sexos, gêneros e orientações sexuais) faz com que se deparem com mais situações para as quais não existem guiões de gênero tradicionais definidos, o que promove uma maior negociação entre os parceiros?
- Considera que a sua bissexualidade e eventual menor pressão a ela associada para aderir aos papéis de gênero convencionais é libertadora, promovendo relações mais igualitárias ou sente, por outro lado, que a ausência de guiões genderizados constitui uma causa de stress e que, sendo a heteronormatividade omnipresente, bem como o binarismo de gênero em que assenta, é comum, mesmo nas relações entre duas mulheres, que uma das parceiras adote um papel de gênero tradicionalmente masculino e que a outra adote o tradicionalmente feminino?
- Há algum fator externo que afete a sua relação? Qual/quais? Que impacto tem na sua vida?

Orientação sexual

- A sua orientação sexual, ou a de(s) seu(s) parceire(s), é relevante no âmbito das suas relações?
- Na sua experiência, é diferente estar com alguém heterossexual, bissexual, homossexual, etc?

Configuração relacional

- Gostaria de ter um ou mais parceiros? Se sim, que tipo de relação gostaria de ter?
- Qual é a sua orientação relacional? Procura relações monogâmicas ou tende a aderir a não-monogâmias consensuais? Ou nem pensa muito nisso e é algo de mais fluído, que vai variando com o contexto e a(s) pessoa(s)? Sempre foi assim? O género dos parceiros tem algum impacto nisso? Qual?
- Que implicações têm a sua orientação relacional nas suas relações íntimas? É algo fácil de “navegar”? Sofreu alterações ao longo do tempo? Como se relaciona com a sua bissexualidade? Altera, de alguma forma, o peso do seu género e do de(s) seu(s) parceire(s)?
- O que acha da opinião que algumas pessoas têm de que es bissexuais, por se sentirem atraídos por mais do que um género, são infiéis? E da associação da bissexualidade à não-monogamia?
- Enquanto pessoa trans, non white, disabled ou wtv, ou tendo parceire(s) com essas características, sente que isso afeta, de alguma forma, as suas relações? Se sim, como? Como se relaciona, se é que se relaciona, isso com género, bissexualidade e tipo de relação?

Bissexualidade nas relações com diferentes parceiros

- É aberta em relação à sua bissexualidade com e(s) seu(s) parceire(s) atual/ais?
- A sua bissexualidade ocupa um papel central no âmbito das suas relações?
- Muitas bissexuais afirmam que, ainda antes ou logo no início da relação, procuram apurar as atitudes dos potenciais parceiros em relação a pessoas LGBTI+ e revelar a sua sexualidade, de forma a evitar problemas, sentindo-se muitas nervosas neste processo, por acreditarem que pode levar à rutura da relação, e por esperam reações negativas. É o seu caso ou nem por isso?
- Já foi confrontada, nomeadamente pelos seus parceiros, com
- -a noção de que a bissexualidade se trata de uma orientação sexual ontologicamente instável ou de transição?
- -a ideia de que um “verdadeiro bissexual” tem de se sentir igualmente atraído por ambos os géneros binários, conflituante com a ideia de que, no fundo, toda a gente tem uma preferência?
- -a ideia de que es bissexuais, por sentirem desejo sexual por mais de género, são hiperssexuais, promíscuos e necessariamente não-monogâmicos?
- -a ideia de que es bissexuais são infiéis e, logo, parceiros românticos menos desejáveis e potenciais transmissores de infeções sexualmente transmissíveis?
- -a ideia de que tem fidelidades políticas duvidosas, pondo em causa, por exemplo, o compromisso dos bissexuais com as comunidades e políticas homossexuais?

- -a ideia, mais positiva, de que es bissexuais podem ser vistos como cognitivamente e interpessoalmente flexíveis, sendo admirados pela sua atração por características pessoais dos parceiros em vez de, simplesmente, pelo seu género?
- Que reações têm à assunção da mesma? Sente que varia com o género? De que forma? O que costuma ouvir ou sentir por parte das pessoas com quem se envolve? Sente-se apoiada ou, pelo contrário, já teve de lidar com falta de aceitação, confusão ou mesmo desrespeito? A orientação sexual da(s) outra(s) pessoa(s) tem influência?
- Sente-se objetificada pelos parceiros homens heterossexuais? Diria que estes se apropriam da sua sexualidade, ao afirmarem e acreditarem, por exemplo, tê-la “convertido” ou ao verem a sua bissexualidade como algo de que se gabar, um bónus? Como é que isso a faz sentir?
- Alguma vez foi incentivada por parceiros homens, eventualmente depois de descobrirem que era bissexual, a ter interações físicas e/ou sexuais com outras mulheres, incentivando-a desde beijar mulheres à sua frente a ser parte de uma ménage à trois? Veem esses atos como traição, ou nem por isso? E você? Fazem-lhe perguntas sobre o seu histórico sexual, nomeadamente com outras mulheres?
- Como é que os seus parceiros lidam quando, ou se, tem, de facto, relações com outras mulheres?
- Então e com parceiras lésbicas? Preocupa-se com uma potencial rejeição por ser bissexual e não lésbica? Sente que a sua atração por homens as repugna? Que cria a expectativa de que, mais cedo ou mais tarde, as vai trair com um homem? Já sentiu que a vêem como sendo, na verdade, heterossexual?
- E com parceiros bissexuais? E com outras orientações?
- Sente que aborda a sua bissexualidade de forma diferente com parceiros diferentes? Como?
- A sua bissexualidade, ou a de seus parceiros, leva a que imaginem e discutam em termos hipotéticos a possibilidade de um (ou mais) de vocês se relacionar com outra pessoa, nomeadamente de a mulher bissexual se relacionar com outra mulher, tornando o “terceiro imaginário” a sua bissexualidade e o seu desejo por outras mulheres visível no seio da relação, e contrariando, dessa forma, a tendência para o seu apagamento? Como é que isso varia com o género, orientação sexual e orientação relacional dos parceiros? Diria que há, nas suas relações com parceiros homens, espaço para expressar desejo por/ fantasiar exclusivamente com mulheres ou mesmo agir sobre esse desejo? Es seus parceiros sentem-se menos ameaçados quando expressa desejo por pessoas do mesmo género que o seu ou é o contrário? Como é que isso a faz sentir?

- Sente que, enquanto mulher bissexual, se confronta com desafios específicos no âmbito das suas relações?
- Já sentiu alguma dificuldade em obter o reconhecimento das suas relações no seu ambiente pessoal e profissional?
- Já sentiu menos vontade por parte de alguém em quem estava interessada de estar consigo por ser bissexual?
- Considera ter mais oportunidades de entrar em relações do que pessoas com outras orientações, dada a sua atração por mais de um género?
- De que forma, se de todo, é que a binegatividade afeta o modo como procura, percebe e mantém relações, influencia as suas decisões, bem como os seus pensamentos e comportamentos sobre/nas mesmas?
- Acredita que a sua bissexualidade a torna uma pior parceira romântica ou sexual?
- Sente que a questão da (não) monogamia surge mais cedo nas suas relações do que nas de outros devido à sua orientação sexual?
- Já sentiu, por parte dos seus parceiros, a preocupação de que se sinta mais atraída pelo sexo “oposto” ao seu ou de que es traia igualmente com pessoas de um sexo diferente do seu (dos parceiros) ou a de que só se sente sexualmente satisfeita mantendo relações com “ambos” os géneros? O género e orientação sexual do parceiro tem influência nisso?
- A crença de que os bissexuais não podem ser monogâmicos alguma vez levou a que sentisse que está destinada a uma vida de promiscuidade ou de relações curtas ou a que sinta que tem de adotar uma orientação relacional não monogâmica para ser “verdadeiramente bissexual” ainda que deseje relações monogâmicas?
- Já se sentiu pressionada por parte de parceiros para mudar a forma como se identifica, fosse para refletir a sua relação atual (por exemplo, identificar-se como heterossexual numa relação com alguém de sexo diferente) fosse porque o parceiro se opunha a estar numa relação com alguém que se identificasse como bissexual?
- Procura educar os seus parceiros sobre a bissexualidade?
- Sente que a luta por direitos iguais coloca, de alguma forma, pressão nas suas relações para serem bem sucedidas e parecerem tão normais e felizes quanto possível, remetendo-se, por exemplo, ao silêncio em relação aos problemas das suas relações, não acedendo, dessa forma, ao apoio de que precisa das suas comunidades, amigos e familiares?
- A identidade sexual, não sendo imediata e inequivocamente deduzível a partir de características externas da pessoa, é, muitas vezes, inferida a partir do género dos seus parceiros, assumindo-se frequentemente que quem está numa relação com alguém do

mesmo sexo é homossexual e que quem tem um parceiro de sexo diferente é heterossexual. Isto acontece consigo? Como é que a faz sentir? Procura afirmar a sua bissexualidade e torná-la visível? De que forma?

- Há algum tipo de relação em que sintas que a tua bissexualidade é mais marcada e visível? E mais invisibilizada?
- Alguma vez foi ameaçada de outing por um parceiro?
- Alguma vez foi vitimizada por um parceiro movido por ciúmes, insegurança e preocupações em relação à tua bissexualidade?
- Qual é a melhor coisa em ser-se bissexual?

Anexo B. Tabela com temas, subtemas e códigos resultantes da análise temática das entrevistas.

Temas	Subtemas	Códigos	Explicação dos códigos	Exemplos ad verbatim
A alegada irrelevância do género			Género não é visto como o mais impactante	lá está... para mim, o género não é um fator determinante
Não-binariedade como Outro distante	Ignorância		Pouco ou nenhum contacto com pessoas trans ou de género não binário	Sim, por acaso só estive com pessoas cisgénero, mas...
	Admiração		Valorização da divergência de género	intriga-me ou deixa-me quase espantada a forma como eles conseguem ser eles próprios tentando não ir pelos signos da sociedade do que é que é o homem, do que é que é a mulher, e pronto, só criarem a sua própria identidade que é única.
O (des)conforto para lá da heteronorma	Segurança	Emocional	Maior à-vontade e confiança com parceiras para vulnerabilidade emocional	enquanto que com raparigas, também porque me sinto mais confortável em ser vulnerável, então ser tipo, amada só e levar-me na cena, mas acho que tem bué a ver com confiança, 'tás a ver?
		Sexual	Associação de menos riscos a relações sexuais com mulheres	Até em questões de confiança, no sentido de tu tem muito mais confiança com outra mulher de falar "Ah! Mudei de ideia.", do que com rapazes. Em questão de domínio, o conforto, pelo menos, para mim, é muito mais fácil.
	Liberdade	Descomplexada	Mulheres vistas como tendo mentes mais abertas	Eu acho que em termos de ser mente aberta, outra vez a culpar a sociedade, eu sinto que os homens são mais restritos e mais conservadores naquilo que eles são permitidos a fazer, e as mulheres são mais abertas a experiências e esse tipo de coisas
		Livre da heteronormatividade	Relações com mulheres menos heteronormativas	Ao menos não é influenciada por nada sem ser tu e a forma como te relacionas com outra pessoa, não tem, sei lá, a cena do ter de ser eu a cozinhar e ela tem de lavar o chão. Epá, não há aquele estereótipo que existe entre casais heterossexuais. De formas de agir e de estar em sociedade e que papéis tens de envergar, sei lá
		Paridade de poder	Maior igualdade nas relações	Aí sinto que já é mais equilibrado, não é tanto uma pessoa que veste as calças, são as duas que vestem as calças e têm poder sobre as decisões.

Empatia	Experiências	Partilha de experiências enquanto mulheres aproxima as parceiras	Eu sendo mulher, vou mais facilmente me identificar com a experiência de outra mulher do que com a experiência de um homem. Nesse aspeto e da minha experiência, é mais fácil criar uma relação com a mulher.
	Gostos	Gostos em comum	nós todas somos, como somos socializadas enquanto mulheres, temos muitas coisas em comum... sei lá, gostar de maquilhagem, gostar de astrologia, gostar de moda, gostar de tipo... não é que eu goste muito de moda, mas, tipo, whatever...
	Somática	Corpos semelhantes geram maior entendimento do corpo das parceiras	De entender como funciona o corpo um do outro. Acho que em relações homoafetivas são mais fáceis, nas relações heterossexuais os corpos são muito mais diferentes, então... e ao mesmo tempo nas relações homoafetivas eu sinto que há menos necessidade de diálogo verbal, digamos assim, porque sempre existe o diálogo não verbal
Cuidado		Apoio emocional e prático	todas as relações com pessoas do género feminino, sempre foram pessoas muito mais atentas, não sei, ao outro - ao outro sendo eu, no caso. São pessoas muito mais sensíveis ao outro, eu diria, do que pessoas do género masculino
Incerteza	Heterossexualidade presumida	Dificuldade em aferir orientação sexual das mulheres	Porque, lá está: uma rapariga pode ter namorado e pode ser bissexual. Se ela não disser que ela é bissexual, eu não vou saber. À partida. A não ser que ela tenha um pin ou autocolante ou uma pulseira ou o que quer que seja...
	Homofobia internalizada	Dificuldade das parceiras em assumir a própria orientação sexual	E, apesar de eu aceitar-me e estar completamente bem comigo própria, não no início, obviamente, mas pronto, passando essa parte à frente, de cada vez que eu estava com ela com outras pessoas em público, eu sentia... quase como se ela tivesse vergonha, e obviamente eu dizia-lhe e perguntei-lhe, e ela disse que não, que não era vergonha por mim, é porque ela não se sentia bem.
Alvo de estigma	Família	Discriminação familiar das relações com mulheres	E foi curioso porque tanto a minha mãe como a minha avó tiveram a mesma reação, foi engraçado. Então eu disse "Olha, agora namoro com uma rapariga." "Ai é? Ah, que giro." Pronto, ficou assim, não se falou mais. E a segunda vez que se falou do assunto levei todo um enxoval de "Tu eras perfeita e agora que exemplo é que vais passar? Isso é só uma fase! Tens mesmo a certeza? Não acho nada bem! Porque é que não podem ser só amigas?"
	Sociedade	Discriminação social das relações com mulheres	Então, até mesmo andar na rua, nós não conseguíamos andar à vontade. Nós não conseguíamos andar de mãos dadas na rua. Nós não conseguíamos na escola. Nós, se déssemos um beijo ou o que fosse, havia sempre alguém a vir reclamar connosco por estarmos a beijar na escola, porque supostamente era proibido beijar na escola, mas,

				entretanto, havia todo um monte de outros casais heterossexuais aos beijos e ninguém ia reclamar.
A desumanização vinda da masculinidade	Objetificação	Física	Trabalho genderizado	Quer dizer que, quando era preciso fazer as limpezas da casa, ele estava em casa e não as fazia, porque estava à espera que eu chegasse a casa e ainda as fosse fazer.
		Emocional	Pouco cuidado por parte de parceiros	Com um homem sinto que estar sempre a marcar posição, sinto que tenho de estar sempre com a rédea curta e sinto que tenho de estar sempre a lembrá-los que não sou menos do que eles por ser mulher. Porque tem consistentemente acontecido isso, tanto na relação abusiva que eu tive, como na minha relação atual em que às vezes a minha identidade é um bocado anulada e a nossa relação é posta em causa por causa os papéis de género, que ele acha que deviam existir e eu não quero que existam.
		Sexual	Foco no prazer masculino	O Duarte sabia que eu tinha interesse em mulheres e, como besta abusiva que ele era, ele achava que isso ia ser mais diversão para ele. Do género: “Ai, gostas de gajas? Bacano. Então vamos lá mandar vir umas.”
Desidentificação	Fechamento emocional	Homens vistos como menos expressivos emocionalmente		Eu sinto que pessoas que se identificam como homens são muito mais fechadas, normalmente. Não sei se é por aquela coisa de, pronto, lá está, estereótipos da sociedade. A meu ver, a sociedade espera muito que os homens sejam mais duros e fechados e não sei quê, e sinto que eles acabam por se fechar mais em termos de falar de sentimentos
		Experiências diferentes	Socialização diferenciada	Há coisas que derivam da socialização dos homens, nomeadamente, não sei, os exemplos dos pais. Há muita gente da nossa geração que tem pais que são violentos, ou que não estão presentes ou que quer que seja, portanto, na socialização do homem há certos padrões que se repetem e que eu já vi repetidos em várias ocasiões, que não se encontram tanto em mulheres.
		Interesses diferentes	Gostos não coincidem	enquanto os gajos é mais: futebol...coiso e tal
Fonte de guiões	Estabilidade	Papéis de cada elemento da relação socialmente definidos		Eu acho que geralmente e pela sociedade tem aquela coisa de o homem é que tem que ter a iniciativa e ele é que pede em casamento e ele é que pede em namoro e etc., e eu estando numa relação heteronormativa, que já tive, também sentia muito isso, tanto pela pressão da sociedade e sexualmente porque também não sentia essa iniciativa, portanto era sempre o parceiro que iria ter

Normatividade	Correspondência à expectativa social	Quando estás com homem é tudo muito fácil, é tudo muito aceitável, é tudo muito fácil. Fácil a nível da sociedade – a ida a restaurantes, passear, estar em público, isso é tudo muito fácil, se pessoas veem e acham bonito e “ai que casal tão giro”
Manipulável	Poder subreptício sobre os parceiros	Aliás, eu tenho a teoria que, na verdade, são as mulheres que vestem as calças, mas que passam a ideia de que são eles que estão a usar as calças.
